

ILUSTRAÇÃO

N.º 285 — 12.º ano



Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA, TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	---	64\$50	129\$00
(Registada)	---	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	---	64\$50	129\$00
(Registada)	---	69\$00	138\$00
Brasil	---	67\$00	134\$00
(Registada)	---	91\$00	182\$00
Outros países	---	75\$00	150\$00
(Registada)	---	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma chavena d'
'OVOMALTINE'

pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogeries e Mercarias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades
médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
é o unico fresco bastará para vos convencer da rapidez
da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias
Produits BÉJEAN - Paris

Eis a minha felicidade!

Tu podés cativar os homens
Experimenta esta novidade:

"4 pós num,, possuindo uma
AFINIDADE LECTROSTÁTICA

para a pele, uma afinidade
como a dum iman
para as agulhas ou uma
placa de aço



Eis o pó que os químicos e as senhoras procuravam há 50 anos. Uma vez V. Ex.ª empoada, não necessita de se empoar mais. O feio lúcido do nariz e do rosto desaparecem para sempre, devido ao seu poder «lectrostático». À chuva, ao sol ou dançando numa sala bastante quente e pode V. Ex.ª fazer tudo o que as gravuras representam que terá sempre o mesmo rosto maravilhoso. Este pó é à prov

da água - à prova da transpiração. - As senhoras que à noite chegam a casa com o rosto fatigado e enrugado, podem refrescar e rejuvenescer a pele e chegar a parecer alguns anos mais novas - muitas vezes metade. Ele é tónico e adstringente. Não forma placas nem manchas. A sua afinidade «lectrostática» fá-lo aderir tão intimamente à pele que se torna completamente invisível. Mesmo as suas melhores amigas nunca suporão que a beleza fascinante do seu rosto (dada por este

pó) não está inteiramente enrente à sua beleza natural. Peça V. Ex.ª, imediatamente, o *Pó Tokalon*, o pó mágico «4 num», possuindo uma grande afinidade para a pele. Exija a verdadeira marca de origem. O exito é garantido, em caso contrário, restituimos o dinheiro do custo.

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o *Depósito Tokalon* - 88, Rua da Assunção - que atende na volta do correio.

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra *Camões Lírico*, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um grande sucesso de livraria

**A APARECER BREVEMENTE
A NONA EDIÇÃO, REVISTA**

11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado,
com capa a côres e oiro **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo
de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo
de 1935 — Tempo de 1936 — Juízo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12\$00**



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES**

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do
homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas
rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

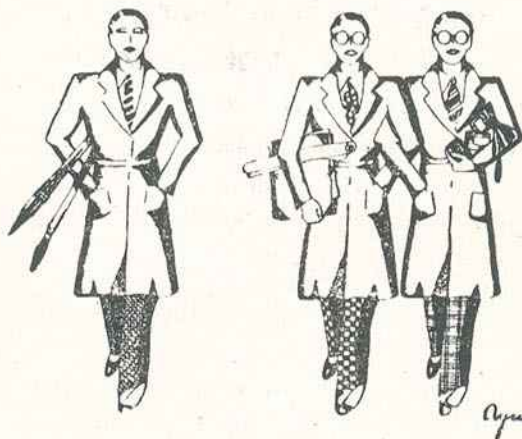
Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10\$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



Aguiar

TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936

Esc. 19.048.594\$54

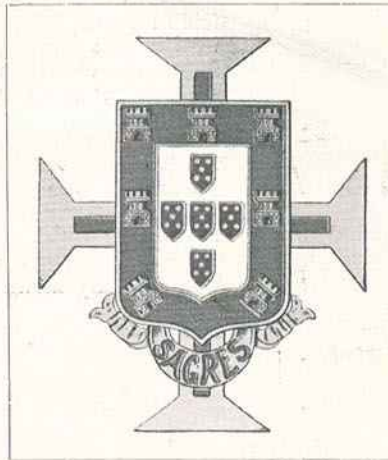
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936

Esc. 13.915.096\$56

Seguros Postais, Fogo,
Marítimos, Agrícolas
e Cristais

Seguros de Vida
em todas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

**PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO**

Banhos de água mineral e de
água do mar quentes, Banhos
CARBO-GAZOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverizações e In-
alações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATER-
MIA. Raios Ultra-violetas e In-
fra-vermelhos. Electricidade mé-
dica. MECANOTERÁPIA e
Maçagens. = = = = =

**MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL**

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocárdio
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO

DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, pro-
fusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Horas sem sofrer.,
Horas felizes

Este feliz é o orgulho do pai, a alegria da mãe e o sol do lar. O seu feitiço sempre vivo e natural torna-o favorito de todos. Para ele existe só a alegria neste mundo; ele não conhece a dôr - nunca a viu. As crianças são auxiliadas pela natureza, os adultos pelo poder sedativo e reanimador da

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, en-
cad., 17\$00; broc., 12\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73. R. Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 9.^a edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com
capa a côres e ouro, Esc. 12\$00;
pelo correio à cobrança, Esc. 14\$00

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sobre a guerra civil espanhola
e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., Esc. 10\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

2 de Novembro. Dia de Finados... Névoas pardacentas dum doloroso inverno que o bafejo efémero do verão de S. Martinho não consegue nunca desvanecer.

E hoje mais do que nunca em que todo o Mundo contempla, apreensivo e desolado, o dia de amanhã.

Na Espanha, enquanto a batalha prossegue encarniçada nas várias frentes, as viúvas vão prestar homenagem aos seus entes queridos. É este o seu dia. Pode a Pátria glorificá-los em tão altivo como merecido monumento, mas o coração das mães, das esposas e das filhas não dispõem este sinceríssimo tributo.

Quando foram trasladados para Espanha os restos mortais do general Primo de Rivera, que se finara em Paris, a pas-

o grande caudillo espanhol fez regressar de Marrocos, restituindo-os aos seus lares. As mães espanholas patentearam

assim espontaneamente a sua profunda gratidão.

Agora são as viúvas espanholas que prestam a derradeira homenagem junto do coval dos entes que

DIA DE FINADOS EM TERRAS DE ESPANHA

sagem do préstito teve as honras que merecia por parte das autoridades civis e militares. Mas houve uma guarda de honra que ficará memorável e que enterneceu o Mundo inteiro. Foi a guarda constituída pelas mães dos soldados que

lhes foram tão queridos.

Eis a vida nas suas manifestações através deste vale de lágrimas.

2 de Novembro. Dia de Finados... Névoas pardacentas dum doloroso inverno que o bafejo efémero do verão de S. Martinho não consegue nunca desvanecer nas nossas almas doloridas.

Viúvas de Toledo



ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



No porto de Kiel encontra-se ancorado o navio escola «Duhnen» em que se estão treinando os chefes da S. A. da Marinha Alemã. A gravura acima mostra os grupos de marinheiros de assalto durante os exercícios de remo.



O conhecido príncipe indiano Alga Khan empreendeu uma principesca viagem através da Europa acompanhada por sua esposa. A gravura acima apresenta-o rodeado pela sua numerosa comitiva no Hoppegarten de Berlim.



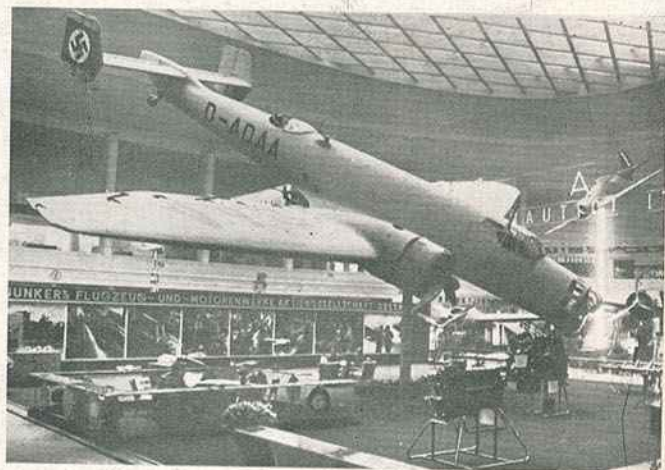
O duque e a duquesa de Windsor dignaram-se visitar as construções da Assistência Social Nacional Socialista de Berlim — Tejel, vindo-se à esquerda o chefe da organização dr. Levy que serve de guia aos visitantes.



O famoso aviador Lindbergh conversando com o representante de Hitler, Rodolfo Hesse por ocasião do congresso organizado pela Sociedade Lilienthal para a investigação da aviação, a que acorreram os grandes ases.



O atlas monumental do Grande Eleitor de Brandeburgo, que representa a maior obra cartográfica em forma de livro em todo o Mundo. Está exposto no grande certame da «Profissão Produtora de Encadernação», em Berlim.



Um tipo dos aviões de combate que a Alemanha expõe na exposição de Milão. Foi construído nas oficinas Junkers, e constitui uma verdadeira surpresa para a aviação mundial que prossegue na sua actividade.

A FESTA VINDIMARIA



A «rainha» Maria das Neves, do Rancho de Alenquer e Georgina Homem Cardoso, do Rancho de Vil-de-Moinhos

Em louvor da vinha e do vinho foi organizada a Festa Vindimária que a chuva impediu de ter maior realce. As harmonias do nosso folclore foram, a bem dizer, ouvidas apenas pelos espectadores do Coliseu dos Recreios. E foi pena. Se o Cortejo Folclórico tivesse atravessado, em tóda a sua imponência, as ruas de Lisboa conseguiria um júri mais amplo. Depois a luz do sol não dá margem aos efeitos enganosos dos arcos voltaicos duma grande casa de espectáculos. O 1.º prémio foi conferido ao Rancho do Douro e o 2.º ao de Alenquer. Mas o rancho de Colares que todo o público aplaudiu delirantemente pelo brilho com que dançou? Esse obteve o «Prémio do Ministério do Comércio». E o Rancho do Cartaxo que tanto primou na sua indumentária rigorosa e castiça? Esse conseguiu o «Prémio Santos Lima» que, sempre foi uma consolação. E assim terminou a Festa Vindimária que a chuva impertinente... e outros contratemplos mais impertinentes, ainda tanto e tanto prejudicaram.



Um expressivo par do Rancho de Colares que o povo lisboeta aplaudiu delirantemente



O Rancho de Alenquer



O Grupo das Flores do Rancho

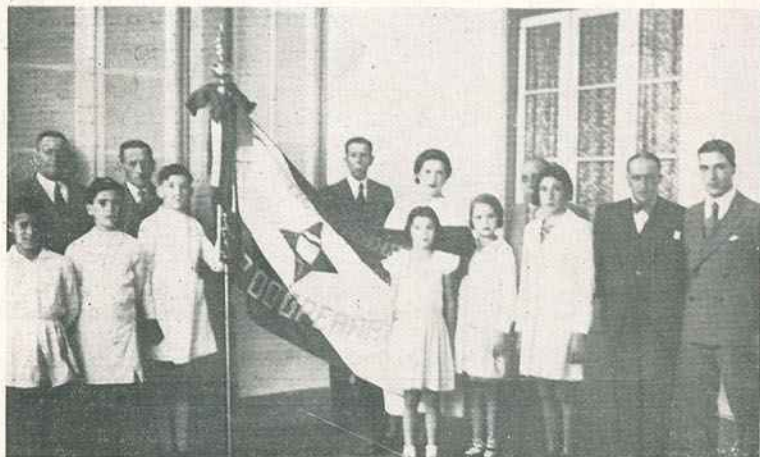


O Rancho do Douro que obteve o 1.º Prémio na Festa Vindimária

ACTUALIDADES DA QUINZENA



Os oficiais da Guarda Fiscal promoveram um banquete de homenagem ao sr. general Alexandre Malheiro que deixa o comando daquela corporação em virtude de ter atingido o limite de idade. Foram pronunciados vários discursos em que foram exaltadas as nobres qualidades morais e literárias do homenageado. A gravura acima mostra o sr. general Alexandre Malheiro presidindo ao banquete. *À direita*: O Chefe do Estado, ladeado pelo sr. Cardial Patriarca, senhora de Carmona e ministro da Educação Nacional, presidindo à sessão inaugural da 1.ª Escola Profissional Doméstica em Lisboa



«A Voz do Operário» solenizou o 58.º aniversário do seu jornal e a reabertura dos trabalhos escolares. A gravura acima apresenta o representante do chefe do distrito com a direcção da «Voz do Operário» e as crianças premiadas. *À direita*: O sr. general Daniel de Sousa descerrando a lapida do Jaraim Alfredo Keil, na Praça José Fontana. A esta homenagem seguiram-se idênticas no Marquês de Matialvã e Henrique Lopes de Mendonça



O novo aviso de 2.ª classe «João de Lisboa» acaba de ser solenemente incorporado no efectivo da esquadra, tendo, nêsse momento, sido proferido um patriótico discurso pelo sr. ministro da Marinha. Nas gravuras acima vemos: *à esquerda*: o sr. ministro da Marinha e os almirantes durante a cerimónia do içar da bandeira que foi puxada por uma neta do sr. Presidente da República. — *À direita*: o «João de Lisboa» embandeirado nos topos, depois da cerimónia. No dia seguinte, tendo o barco estado patente ao público, foi enorme o número de visitantes que manifestaram unanimemente o seu entusiasmo pelo ressurgimento da nossa Marinha de Guerra, não esquecendo que, com êste, são catorze navios em cinco anos

O PRIMEIRO E ÚLTIMO AMOR DE KOSCIUSZKO

TADEU KOSCIUSZKO o célebre herói, paladino da independência da escravizada Polónia, teve, no decorrer da maravilhosa e sublime epopeia de sacrifício à Pátria, que foi tódá a sua vida, um doloroso romance de amor, cujo trágico desfecho enlutou para sempre o seu nobre e generoso coração e fez mudar, por completo, o rumo da sua existência.

Jean de La Brète disse, numa frase espirituosa e feliz, que "os homens que amam uma só vez na vida, são tão raros como os corvos brancos". Contudo, na Polónia, no último quartel do século XVIII, ainda havia homens da envergadura de Kosciuszko, capazes de amarem "como se ama uma só vez na vida," e de, até à morte, permanecerem fieis à recordação do seu primeiro e último amor.

É uma história romanêsa e impressionante a do drama íntimo de paixão que dilacerou a alma do grande Kosciuszko.

Em Varsóvia, durante o glacial inverno de 1776, Tadeu Kosciuszko, que então contava trinta anos, e era capitão de artilharia no exército polaco, assistia, triste e pensativo, sem tomar parte nas danças ou em outra qualquer diversão, a um baile oferecido pelo ilustre príncipe Zamoski.

A sua atitude era a de alguém que apenas por obrigação viera àquela festa. Assim sucedia, de facto. O patriota, em Kosciuszko, sufocava quasi completamen-

te o homem, e não fôra nunca hábito seu desperdiçar as noites, que costumava dedicar ao estudo da tática e da estratégia, estudos êsses — pensava o jôvem artilheiro — que o habilitariam a, num futuro talvez bem próximo, servir dignamente a sua desventurada Pátria.

Mas, nessa noite, vira-se obrigado, pelos deveres militares, a fechar os livros, vestir o grande uniforme, a-fim-de, juntamente com os outros oficiais, acompanhar o coronel, comandante do seu regimento, ao baile que o príncipe Zamoski dava no seu magnífico palácio, para festejar o dia do santo onomástico do rei.

Sòzinho, a um canto da sala, o capitão Kosciuszko permanecia absorvido em melancólicas reflexões, completamente alheio à alegria e prazer dos seus camaradas, que borboleteavam — quais frívolas mariposas — em redor das mais formosas damas. Outra dama mais bela, mais nobre e mais digna de ser amada e servida do que as donzelas presentes, ocupava os seus pensamentos — a Polónia a sua tão querida e martirizada Pátria!

Para êle não havia mulheres, não havia música, não havia festa. Naquela requintada sociedade, cheia de elegância e esplendor, o môço oficial nada via nem ouvia. As palavras do diálogo verdadeiramente humilhante travado entre o príncipe Zamoski e o insolente embaixador da Rússia que ao acaso, momentos antes surpreendera, ressoavam-lhe sem cessar aos ouvidos, martelando-lhe implacavelmente o

cérebro. Estivera prestes, no auge da sua indignação, a desembainhar a espada, e cair sôbre o arrogante moscovita, pronto a sacrificar a sua vida, para lavar com sangue essa afronta que, dirigida ao príncipe, atingia também a Polónia e, portanto, todos os polacos. Mas tivera que crisar os punhos em silêncio e curvar a cabeça, deixando passar assim impunemente um insulto mortal, a-fim-de não acarretar novas desgraças para a sua desventurada Pátria.

Infeliz Polónia! Já nada lhe restava da sua grandeza de outros séculos! Como iam longe — evocava saudosamente o patriota Kosciuszko — os tempos de Boleslau, em que os polacos tão temidos se haviam tornado dos alemães e dos russos; os de Casimiro IV, em que haviam tornado a Prússia vassala da Polónia, e esta a mais importante potência do Norte; os de Segismundo III, em que após, uma campanha gloriosa, haviam tomado Moscovo, e os de João Sobieski, em que, pelos feitos de armas dos heróis polacos e as retumbantes vitórias dêsse paladino a Polónia se impuzera ao respeito e à admiração da Europa inteira!

Êsses tempos iam longe, realmente! Tudo mudára. A orgulhosa potência, que outrora impunha a sua vontade aos czares, achava-se hoje repartida, dividida "dissecada viva," entre a Austria, a Prússia, e a Rússia, reduzida, embora com o título honorífico de reino e um soberano nominal, a uma simples província russa



Polónia! — quadro de Jan Stryka, vendo-se, ao centro, Kosciuszko com a sua bandeira



Tadeu Kosciuszko

de o embaixador da imperatriz Catarina II, um déspota infame, era o verdadeiro rei, um rei odioso e cruel, que esmagava o povo e procurava reduzir os altivos aristocratas polacos tão ciosos da sua independência à categoria duns ínfimos escravos! Parecia que o génio da Polónia o abandonara, entregando-o às garras da terrível águia moscovita!

Ninguém, em todo o reino, sofria tanto com esse triste estado de coisas como Tadeu Kosciuszko. É que, êle amava a sua Pátria mais do que amara pais e família, com esse amor que se tornara uma adoração idêntica àquela que se consagra a Deus.

Era a sua bem-amada, a eleita da sua alma, a ideal dama dos seus pensamentos, pela qual se queria bater como os místicos e iluminados cavaleiros de outros séculos.

Tinha uma espada, era certo — cogitava amargamente o môço artilheiro — e sabia manobrar canhões, mas o que poderia fazer sozinho, para libertar a sua Pátria?

A festa continuava a decorrer, no meio da maior animação e brilhantismo, enquanto Tadeu Kosciuszko, indiferente à alegria que esfuziava em redor, permanecia embrenhado nos seus patrióticos pensamentos, evocando os feitos dos velhos heróis polacos, e também êsses outros grandes da antiguidade, cujos feitos Plutarco — o seu autor preferido entre todos — immortalizára na sua obra.

A figura daquêlle jovem oficial, cujo sumptuoso uniforme ainda mais fazia realçar a elegância natural e a sua máscara, embora irregular beleza, imóvel, tal como uma cariátide viva, a um ângulo da sala, sem tomar parte nas danças, atraiu as atenções femininas. A mais formosa das donzelas presentes, a mais bela flor no meio dessas viçosas flores, aquela que, entre tôdas, podia ser considerada verdadeiramente a rainha, notou-o também e, repetidas vezes, esquecida dos requintados galanteios que murmuravam a seus ouvidos garbosos mancebos, possuidores de grandes nomes e vastíssimos domínios, a sua vista se dirigiu para o atraente capitão de artilharia, cuja alma parecia estar tão longe do baile.

O olhar do jovem oficial encontrou-se

por fim, com o da gentil rapariga. Nada mais foi preciso. Dir-se-ia que nas formosíssimas pupilas da jovem residia uma força misteriosa e invencível, semelhante à que o iman exerce sobre o ferro, pois, acto contínuo, Tadeu Kosciuszko se sentiu dominado. Desceu à Terra, como se costuma dizer. Olvidou os seus épicos e gloriosos sonhos e olhou-a também fixamente, maravilhado com a sua esplêndida beleza, a sua graça ingénua e virginal encanto. Reconheceu que lhe era impossível desviar a vista daquelas incomparáveis pupilas — verdadeiras estrelas humanas em que uma tão formosa alma parecia reflectir-se. Kosciuszko esqueceu os seus tristes pensamentos, e o eterno e encantador sorriso que lhe animava o semblante duma atracção irresistível, reapareceu nos seus lábios. Sentiu o coração cantar-lhe dentro do peito um hino de alegria. Cordas desconhecidas da sua alma vibravam. Lembrou-se de que era novo e veio-lhe o desejo de conceder à mocidade os seus direitos, aspirou a gozar um pouco a juventude, a viver e amar, enfim, a amar aquela deliciosa criatura que — ia jurá-lo — devia ser tão bela de corpo como de espírito.

Estabeleceu-se entre os dois como que uma corrente magnética. O olhar da formosa rapariga continuou poisado sobre êle, envolvendo-o numa suave e aliciante carícia, chamando-o a si, por assim dizer. Obedecendo a êsse chamamento mudo, Kosciuszko dirigiu-se a um dos seus camaradas, e pediu-lhe que o apresentasse àquela menina tão linda, que parecia um anjo perdido no meio das mulheres.

Minutos depois, o capitão de artilharia, curvava-se diante da bela Sosnoska filha do ilustre príncipe José Sosnoski, "etman", da Lituânia, e, durante o resto da noite, conversaram, animadamente, lado a lado, encantados um com o outro, numa estreita comunhão espiritual.

Estava começado o romance, ou antes o drama de paixão, que faria tódã a felicidade e tódã a desgraça daqueles dois entes.

Era o primeiro amor de Kosciuszko e havia de ser o último. Tódã a vida, até à morte, sucedesse o que sucedesse, a radiosa imagem de Sosnoska permaneceria indelevelmente gravada no seu coração.

O acaso pareceu favorecer o jovem apaixonado. O seu regimento foi transferido de Varsóvia para a Lituânia e aquartelado no castelo do pai de Sosnoska.

O marechal príncipe José Sosnoski, "etman", da Lituânia, era um destes antigos magnates polacos, senhores absolutos dos seus imensos domínios, implacáveis para com todo aquele que ousasse cortejar alguma mulher, ou donzela pertencente à sua augusta família. Não ia longe o tempo em que, um velho fidalgo, polaco, tendo surpreendido as relações amorosas que a espôsa mantinha com o belo Ivan Mazeppa, o fizera atar, completamente nú, ao dorso dum cavalo selvagem e o largara no meio duma floresta, deserta.

Mas o príncipe, que vivia no seu castelo, num estado quasi realengo, no meio da mais extraordinária magnificência, nem por sombras desconfiou de que aquele simples oficial de artilharia, filho dum fidalgo dependente dos Csartoriski, ousasse erguer os olhos até os degraus do trono, onde uma princesa como a sua filha se assentava, e, cego pelo orgulho, não hesitou em lhe abrir, de par em par, as suas portas. Dêste modo, Tadeu pôde aproximar-se da sua bem amada e falar-lhe mesmo algumas vezes a sós.

Um dia, Sosnoska manifestou ao pai o desejo de se aperfeiçoar no francês. O príncipe comunicou ao comandante do regimento a resolução da filha e, imediatamente, o coronel indicou Kosciuszko, que falava tão bem a língua francesa como a materna, devido ao longo estágio que fizera em França, quando, em prémio do curso brilhante que tirara na Escola dos cadetes de Varsóvia, fôra mandado para a Academia Militar de Versalhes, e mais tarde para Brest, estudar fortificação e tática naval.

O príncipe concordou, absolutamente com a escolha, e, desde êsse dia, foi permitido a Tadeu Kosciuszko ir passar tôdas as noites na companhia da sua querida Sosnoska.

Estudavam francês, relendo os livros impregnados da filosofia humanista de então, conversavam sobre mil assuntos e faziam-se mutuamente as suas confidências.

A filha do "etman", era um elevado e esclarecido espírito, e, como possuía um invulgar discernimento para ajuizar o carácter dos indivíduos, compreendeu a qualidade de homem que tinha a seu lado. Tudo nêle, desde o seu ardente patriotismo até à sua extraordinária inteligência, desde a sua resplandecente beleza moral até à sua indômita bravura, a encantou.

Pelas mulheres nutria, como todo o verdadeiro paladino, um profundo respeito e uma viva ternura.

Adorava as crianças, cobria-as de afagos, de modo que, ao vê-lo, tôdas corriam, loucas de alegria, a refugiar-se nos seus braços. Repartia com os pobres tudo o que possuía e falava-lhes afavelmente, como a iguais.

Tôdas essas qualidades reunidas, formavam um conjunto adorável a que nenhum coração poderia ficar insensível. Sosnoska admirou, respeitou e amou Kosciuszko com um afecto que tocava a adoração, e sentiu-se feliz e orgulhosa por ter sido eleita por aquele homem arcanjo que, no seu entender, era superior a todos os monarcas da Terra.

— É um santo! É um herói — pensava Sosnoska, maravilhada.

E, ao contrário do que quasi sempre sucede com as donzelas apaixonadas, ela não se enganava realmente.

A mãe de Sosnoska, a esposa do terrível marechal príncipe, assistia frequentemente às lições e, embora não pudesse compreender os ardentes protestos que os dois enamorados trocavam em francês, em breve percebeu (um coração materno nunca se engana) o estado de alma da filha.

Um dia, chamou-a aos seus aposentos e pediu-lhe que lhe revelasse a verdade. Sosnoska lançou-se, chorando, nos braços da mãe e confessou-lhe que amava Tadeu Kosciuszko, dizendo-lhe também que embora o seu noivo apenas possuísse o seu uniforme e a sua espada, não o trocaria pelo mais poderoso soberano do Mundo. A princesa misturou as suas lágrimas às da filha, triste, muito triste, pois bem sabia que jamais o orgulhoso "etman", que projectava para a filha um brilhantíssimo enlace, a daria por esposa a um capitão de artilharia.

E assim se passou quasi um ano. Ao cabo deste tempo, Kosciuszko, sabendo que dentro em pouco seria transferido com o seu regimento para Kovno, decidiu, embora sem a menor esperança de êxito, ir pedir ao "etman", a mão de Sosnoska. Debalde pediu, suplicou aos pés do marechal príncipe. Este, permaneceu inflexível, respondendo às súplicas com a mais ativa e desdenhosa das recusas.

Mas o amor de Sosnoska não era de renúncia, e, persistente e exaltada como tôdas as polacas, pediu ao seu noivo que a raplasse.

Tadeu fez-lhe compreender que essa resolução implicava não só abandonar a sua família, mas também uma excelsa categoria e uma fortuna imensa, para levar, na Rússia, junto dum simples oficial como êle, uma existência de pobreza e de exílio. Repetidas vezes a aconselhou a não levar tão longe o seu amor e o seu sacrifício por êle. Porém, nenhuma dessas considerações materiais demoveu a apaixonada rapariga e, uma noite, às ocultas de todos, deixou o castelo paterno, na companhia de Tadeu Kosciuszko. A traição dum dos cúmplices do rapto preveniu antecipadamente o velho "etman", acêrca do projecto de fuga urdido por Sosnoska. Foi então que o carácter diabólico e maquiavélico do príncipe Sosnoski se revelou em tôda a sua tenebrosa extensão. O seu primeiro pensamento foi vingar-se da ousadia de Kosciuszko, mandando-lhe tirar a vida imediatamente. Mas reflectiu. Os tempos em que o poder dos "etmans", era absoluto e fazia tremer os próprios reis, passara definitivamente. Era impossível mandar assassinar ou executar um capitão de artilharia, pertencente ao regimento aquartelado na Lituânia. O melhor era fingir que nada sabia, deixá-los partir e, a certa altura do caminho, surgir-lhes à frente dum bando de seqüezes. Cairiam sobre êle, arrancar-lhe-iam a rapariga, e, na luta que, inevitavelmente, se seguiria, Kosciuszko encontraria a morte.

A algumas léguas do castelo, quando os dois namorados se julgavam enfim livres para se unirem e se amarem, o "etman", surgiu à frente dos seus servos armados até os dentes e lançaram-se sobre o infeliz raptor, com a mesma fúria com que se atirariam a um lobo. O bravo oficial desembainhou a espada e fez frente a todo o bando com a mais denodada bravura, espalhando o terror e a morte em redor de si, até que tombou gravemente ferido, num charco de sangue. Pareceu-lhe ainda ouvir, ao longe,

a voz da sua bem amada chamar entre gritos de desespero lancinante: — Tadeu! Tadeu!...

Depois, nada mais distinguiu. A vista obscureceu-se-lhe e sentiu-se desmaiar. Quando recuperou os sentidos, viu-se só. Sosnoska, o "etman", e os servos tinham desaparecido. Como recordação da passagem na sua vida daquela adorável criatura só restava um lenço que encontrou caído ao seu lado. Beijou-o e meteu-o no peito, jurando que pouco ou muito tempo que visse, ali o conservaria como uma reliquia.

Ao contrário de tôdas as expectativas, Kosciuszko sobreviveu aos seus terríveis ferimentos. Porém, como se a fatalidade, em desforra de não ter conseguido destruir-lhe o corpo, resolveu dilacerar-lhe a alma. Mal o infeliz rapaz se viu restituído à vida, chegou uma notícia que veio atingi-lo em pleno coração. A desventurada Sosnoska, constrangida pelo "etman", que, positivamente, a arrastara ao altar, tinha desposado outro homem, um príncipe muito rico e poderoso.

Ao receber esta funesta nova, que punha um tão doloroso e brutal fim aos seus lindos sonhos de amor e felicidade, Tadeu julgou enlouquecer e, no auge da sua dôr, da sua revolta contra o destino, que parecia comprazer-se em ceifar as suas mais queridas esperanças, perguntou a si próprio, num paroxismo de desespero, porque não caíra êle, ao lado da sua noiva, naquela sangrenta refrega sob os golpes dos servos do "etman"?

Se a desgraça o houvesse ferido unicamente a êle — pensava Kosciuszko — teria suportado resignadamente a sua cruz, mas havia Ela, a sua adorada Sosnoska que, nesse momento, devia sofrer ainda bem mais, exilada junto daquele homem, quasi um desconhecido, que lhe tinham imposto para companheiro dos seus dias.

E, de futuro, embora com a morte na alma, tinha que continuar a viver, a viver até o fim da sua existência — desesperava-se o jôvem capitão. — Para quê? E para quem? Só lhe restava procurar a morte na primeira batalha que se lhe deparasse...

De súbito, uma voz interior, a voz do patriota, ergueu-se na alma de Tadeu Kosciuszko, e fez calar o amoroso. A chama sagrada do amor da Pátria secou as lágrimas do apaixonado infeliz. Um pálido e triste sorriso, repleto de amargura, mas ao mesmo tempo de resignação, aflorou aos seus lábios descôrados. Tinha compreendido o seu destino e aceitava-o, sem revolta, antes pelo contrário. A sua mocidade e a sua vida amorosa estavam terminadas, pois não era "dêsses homens felizes que, sobre as ruínas dum sonho, constroem outro e refazem a sua existência. Renunciava para sempre, a tôda a alegria e felicidade que lhe poderia trazer o casamento. A sua bem amada adorava-a, e adora-la-ia sempre, até ao seu último momento. Mas, visto que o destino, separando-o de Sosnoska, o impedia de consagrar a sua vida à bem amada real, viveria para a outra, para a



Kosciuszko prisioneiro de Catarina II

bem amada ideal, viveria para a Polónia. E, já que não era êsse o momento de levantar uma revolta, partiria, como tantos dos seus compatriotas, para a América, reunir-se a La Fayette e a Washington, a fim de ir auxiliá-los na sublime missão de libertar um povo oprimido. Depois, mais tarde, voltaria, para então se dedicar de corpo e alma à libertação da Polónia.

Nunca no seu lar êrmo de affectos Sosnoska pôde esquecer-se do seu antigo noivo. O seu coração dera-o para sempre a Kosciuszko, ao esposo da sua alma, e não podia nem queria tornar a rehavê-lo. Era, pois, uma desolada viuva, e nada mais.

Quando o acaso lhe trouxe ao conhecimento que o capitão Kosciuszko partiria para a América, a princesa convenceu-se de que êle ia procurar no Novo Mundo uma morte voluntária.

Enganava-se, porém. Kosciuszko havia de voltar, depois de ter escrito o primeiro canto da epopeia de glória que foi a sua vida.

Na América, o capitão de artilharia polaca bateu-se heroicamente ao lado de La Fayette e Washington, que o nomeou seu ajudante de campo, e, terminada a guerra, foi um dos quatro designados para receberem as recompensas nacionais votadas pelo conselho.

Ao regressar à Polónia, os seus compatriotas receberam-no no meio duma delirante ovação. Tanto no mais opulento palácio, como na mais humilde choupana, todos, homens, mulheres e crianças repetiam, entusiasmados, os feitos do general Kosciuszko. A sua extraordinária bravura, as admiráveis qualidades de estratégia que demonstrára, os numerosos ferimentos que recebera, os seus sentimentos de humanidade, que o tinham levado a defender, com risco da própria vida os prisioneiros que os americanos queriam massacrar, eram o assunto das conversas gerais.

Porém, nenhum coração o aclamou tanto, nenhum acolheu o seu triunfal regresso com tanta alegria e orgulho como Sosnoska. Queria poder correr ao seu encontro, vê-lo, ainda que fôsse só por um instante. Mas era impossível...

Um dia, por intermédio dum amigo comum, a princesa soube que o moço general conservava, preciosamente guardado, no peito, o lenço que ela deixára caído no campo da refrega; que êsse lenço o acompanhara sempre, através de todas as suas batalhas, e que fizera um



Kosciuszko na batalha de Racławice

juramento de que ali, sobre o coração, que tanto batera e ainda batia pela filha do "hetman" da Lituânia, o conservaria até a morte.

Perante esta revelação, Sosnoska moveu-se extremamente e, tanto pediu, tanto suplicou, que obteve do marido autorização para se escrever com o general Kosciuszko. E assim principiou essa célebre correspondência impregnada dum tão nobre e puro affecto recíproco, que se havia de manter contínua e inalterável.

Anos depois, em 1792, Sosnoska assistiu à sublevação da Polónia, de que Tadeu Kosciuszko foi um dos principais chefes. Principiou então a maravilhosa epopeia do amor e sacrifício á Pátria que, como já dissemos, poderia denominar-se a existência do paladino da independência polaca.

À frente de 4.000 homens Kosciuszko venceu 20.000 russos em Zieloné e sustentou em Dubienka, com um punhado de bravos, uma luta homérica.

Esfôrço inútil! O embaixador da Rússia, o que dominava completamente o fraco rei da Polónia e os membros mais influentes da Dieta, fez-lhes aceitar a segunda partilha. O general Kosciuszko foi obrigado a retirar e exilou-se, voluntariamente, partindo para Dresde.

No princípio de 1794, os patriotas que tinham levantado as insurreições nacionais de Varsóvia, Wilna, Somogitia e Curlândia contra os russos, foram oferecer ao herói de Zieloné o comando geral das tropas e a ditadura.

Kosciuszko aceitou e, a 24 de Março, de noite, à luz chamejante dos archotes, entrava em Cracóvia no meio das mais entusiásticas aclamações.

— Viva o salvador! Viva o libertador da Polónia! Bradavam todos em unísono.

E êle tela-la-ia salvo, realmente, se os nobres polacos lhe tivessem querido obedecer.

O primeiro acto de Tadeu Kosciuszko foi decretar o levantamento em massa e, á frente das tropas que conseguiu reunir á pressa, correu ao encontro dos russos. Não era um exército devidamente organizado. Era uma legião de bravos, composta, na maior parte, de camponeses, armados de lanças e de foices, que caminhava para a luta, para a morte... Iam todos felizes por contribuirem com o seu sacrificio para a libertação da Pátria.

Apesar das deproporção de forças e da falta de material, a vitória, devido aos prodígios de heroísmo de Kosciuszko e dos seus officiaes e soldados, coube aos polacos, na sangrenta batalha de Racławice, tão desastrosa para os russos.

Após este retumbante triunfo de armas, toda a Polónia se sublevou. Porém as divisões de classe vieram como quasi sempre succede em casos tais, perder o que estava alcançado.

Kosciuszko decretára o levantamento em massa, mas, parte da nobreza, sabendo que o general, uma vez vencedor, tencionava propor a libertação dos servos, e, preferindo antes sujeitar-se ao domínio do opressor do que consentir na emancipação do povo, contrariou essa medida. O resultado foi que, exactamente no momento em que os prussianos se uniam aos russos, a fim de esmagarem a Polónia, precisamente nesse momento Kosciuszko mal conseguiu reunir 33.000 homens.

Mesmo assim, durante um mês, o general fez frente, com êxito, ao inimigo. No entanto, a resistência nessa luta tão desigual, sem receber o mínimo socorro do rei, que publicara um decreto contra a insurreição, tendo artilheiros, mas não possuindo material e apenas podendo contar com a infantaria e a cavalaria, tornava-se impossível.

A 6 de Junho, Kosciuszko perdeu a batalha de Szczeing, e, perante um avanço formidável dos prussianos e dos russos, executou uma retirada admirável, que maravilhou o próprio inimigo. Mas tudo parecia conjurar-se para malograr os esforços dos patriotas. A traição entregou Cracóvia aos russos, de modo que Kosciuszko teve que se limitar a cobrir Varsóvia. Durante quatro meses, lutaram ainda, heroicamente, embora já sem esperanças de vencer.

A 4 de Outubro, Kosciuszko, compreendendo que o fim se aproximava, não occultou aos seus officiaes e soldados que os esperava uma derrota e autorizou aqueles que o desejassem a retirar-se.

Porém, era tão grande o prestígio do general, pela sua bravura, patriotismo e dignidade, que nenhum official, nem sequer um soldado — embora soubessem que caminhavam para a morte — o quiz abandonar.

No dia seguinte travava-se a fatal batalha de Macieowice. Kosciuszko decidido a morrer em holocausto á Pátria, mas de armas na mão como um verdadeiro paladino, opoz ao inimigo a mais heroica e desesperada das resistências. Teve oito cavalos mortos, até que a terrível sabrada dum cossaco, acertando-lhe na cabeça, o derrubou.

Os sobreviventes dessa terrível hecatombe de polacos que foi Macieowice, deixaram-no como morto no campo de batalha. Durante vinte e quatro horas, Tadeu Kosciuszko permaneceu estendido na terra sem recuperar os sentidos. Quando voltou a si, estava prisioneiro dos russos.

A imperatriz Catarina II não quiz assumir o odioso de mandar executar o herói nacional da Polónia — aquele que os próprios soldados russos consideravam um santo — mas como, por outro lado, convinha á sua política o desaparecimento desse paladino, deixou-o nos seus cárceres sem lhe enviar socorros médicos.

Dois anos depois, quando, morta a czarina, o Imperador Paulo I veio pessoalmente á prisão restituir a liberdade a Kosciuszko, encontrou-o com a cabeça envolta em ligaduras manchadas de sangue. A ferida ainda não cicatrizara!

Uma vez livre, o general dirigiu-se á América, onde foi magnificamente recebido. Daí para França, e depois para a Suíça. A sua existência era triste, pois apesar da República de Roma lhe ter oferecido a espada de João Sobieski, rei da Polónia, não via probabilidades de a empunhar em defesa da Pátria. Apenas as cartas, sempre freqüentes, da sua querida Sosnoska, lhe serviam de lenitivo. Dedicou-se então exclusivamente aos pobres e aos desherdados da sorte. Toda a miséria, todo o sofrimento, toda a dor, encontravam eco no seu coração. Com o desinteresse que sempre o caracterizou — desinteresse esse que o levára a renunciar ás grandes propriedades e territórios que o czar Paulo I lhe doara e a abandonar, em favor de obras de caridade, a pequena fortuna que, por ocasião da sua última visita, os americanos lhe tinham oferecido — Kosciuszko dispunha de tudo que possuía para auxiliar os necessitados.

E assim decorreram alguns anos. A fálencia das esperanças, que os polacos haviam depositado nas promessas de Napoleão I, a respeito de cuja palavra e individualidade êle sempre, contudo, nutria a desconfiança instintiva do homem de bem pelo aventureiro, o insucesso das suas próprias tentativas junto do imperador Alexandre I da Rússia, e, por fim, no congresso de Viena, ainda mais vieram aumentar a sua tristeza.

Porém, um dia, a sua fronte desanuviou-se e um sorriso de felicidade assomou aos seus lábios. Numa carta, muito simples, Sosnoska anunciava-lhe que estava viúva, senhora das suas acções e da sua fortuna, e que ia partir immediatamente a reunir-se-lhe na Suíça.

Mas a fatalidade não quiz que Kosciuszko e Sosnoska, ao cabo de tantos anos de infortúnio, tivessem ao menos a consolação de unirem os seus destinos no outono da vida.

Quando a infeliz Sosnoska chegou a Soleure, encontrou uma sepultura encerrada há poucos dias. Sobre a pedra tumular lia-se um nome e uma data: *General Tadeu Kosciuszko — 15 de Outubro de 1817.*

Os restos do grande Kosciuszko foram, mais tarde, reclamados pela Polónia, conduzidos com a maior solenidade a Cracovia e sepultados na catedral, no jazigo dos reis, ao lado de Sobieski. Depois ergueram-lhe um monumento, tão gigantesco como gigantesco havia sido o seu vulto de herói perante a história. Gastaram três anos na sua construção. Não empregaram nêle nem o mármore nem o bronze, mas terra, terra da Polónia, terra do Patria que Tadeu Kosciuszko tanto amara e pela qual tanto se havia sacrificado.

EUNICE PAULA.

UMA LOUVAVEL INICIATIVA

do sr. ministro da Marinha Brasileira

GRACAS à louvável iniciativa do sr. almirante Henrique Aristides Guilhem, illustre ministro da Marinha do Brasil, acaba de ser salvo um precioso manuscrito que se ocultava na Biblioteca da Marinha e se esfacelaria pela acção destruidora do tempo e das traças.

Trata-se da *Recopilação das famosas armadas que para a Índia foram desde o ano em que se principiou sua gloriosa conquista — Nomes das embarcações, dos capitães, governadores e vice-reis, capitães-móres, almirantes e cabos que as navegaram, e successos que tiveram até o ano de 649*, de que foi autor Simão Ferreira Paes, natural do Pôrto, Cavaleiro Fidalgo da Casa de Sua Majestade e Familiar do Santo Offício.

É desvanecedor, em boa verdade, o interesse que o illustre estadista brasileiro manifesta pelas tradições gloriosas de Portugal. Por sua ordem o venerando manuscrito foi fielmente reproduzido e traduzido pelo capitão de fragata Didio Iratym Afonso da Costa que se desempenhou primorosamente da difficil incumbência.

Eis como este brioso official relata o seu trabalho:

«Examinando o manuscrito, para efeito da sua *reprodução fiel e trasladação para o Português actual*, logo se verificou que a reprodução fotografica deixaria muito a desejar nas estampas subsequentes que o sr. almirante H. A. Guilhem projectava mandar reproduzir, mostrando mais uma vez os pendores do seu espirito, atreito aos mais nobres intuitos de cultura e ao espaço do que lhe parece ter e realmente tem valor.

«Remediou-se a circumstancia, todavia. O sr. director da Imprensa Naval, comandante Alexandre de Azevedo Lima, com toda a solicitude e interesse, encarregou da *reprodução fiel* o funcionario, gravador daquêlê estabelecimento, Alberto Vitorino de Matos, o qual, como o seu trabalho constata, deu cumprimento irrepreensivel à tarefa, resurgindo a nanquim, sobre papel vegetal, pelo decalque, toda a velha *Recopilação* de Simão Ferreira Pais. Além dessa tarefa, o funcionario citado desenhou as capas das diferentes partes que ora acompanham o manuscrito original, tendo sido arranjadas todas elas pela officina de encadernação do mesmo estabelecimento grafico do Ministerio da Marinha.

«Para a *reprodução dactilografica*, não sendo possível a cópia directa pelo dactilografo, foi necessária a do nosso punho, cópia essa com anotações à margem, que se junta ao original da tradução na Parte V — *Anexos*. Essa reprodução dactilografica, exigindo todo o cuidado, foi feita pelo S O-E S Alfredo

Antônio de Melo, de maneira a merecer encômios.

«Ao manuscrito original, em resumo, acompanham quatro tomos, correspondentes à *reprodução fiel, reprodução dactilografica, tradução dactilografada* na ortografia mixta mixta e anexos e anexos, constituídos pelos originais da cópia e tradução que fizemos».

Por aqui se avalia a árdua tarefa que «consumiu dez meses de actividade e buscas continuadas nas obras mais reputadas que historiam os notáveis descobrimentos dos valorosos portugueses».

Sumariando o seu valoroso manuscrito, o seu restaurador diz:

«A parte da *Recopilação*, a mais extensa, segue-se uma *Proclamação e peroração a Deus Nosso Senhor, pedindo-lhe seu divino favor para esta Monarquia Lusitana e vida de El-Rei Nosso Senhor, D. João IV, e mais Casa Real*.

«Finalmente, o cavaleiro fidalgo Simão Ferreira Pais completou o seu manuscrito com um poema heroico, à maneira camoniana, composto por 142 estâncias, em espanhol daquêlê tempo, tendo por titulo: *Transformação do Cabo da Boa Esperança, na qual o autor fala com Sua Majestade o rei D. João IV, Nosso Senhor.*»

Eis a primeira estância:

*Mientras al Regio y sumptuoso As'ento
descanço da la vigilante llane
Oh gran Monarca está un poco atento
à questo aum que humilde estilo graue,
si por dar uado nó al entendimiento
Por oyr sy la fabula suave
de aqueste certo ingenho fabricada
quando de xo ami pluma, hablar mi espada*

que foi traduzida assim:

*Enquanto ao régio e sumptuoso Assento
Descanço dá a vigilante chave,
Oh! grande monarca, está um pouco atento
A este que ainda humilde estilo grave,
Senão para dar ensejo ao entendimento,
Para ouvir, sim, a fábula suave
Por este curto ingenho fabricada
Quando deixou à minha pena falar por minha
[espada.*

E o poema termina com esta estância:

*Asta q'en algun tiempo descansando
de seis nezes passar lapuente adusta
saigra ella, tus glorias celebrando
sobre las alas, de la fama augusta
aora mientras ua la mar surcando
de oyr del mar las mismas cosas gusta
q' si entu corte algun descansço espero
es para ser de ti, Alexandre, Homero.*

que teve esta tradução:

*Até que em algum tempo descansando,
De seis vezes passar a ponte adusta,
Saia ela tuas glórias celebrando,
Sobre as asas da fama augusta.*



Almirante Henrique Aristides Guilhem,
ministro da Marinha Brasileira

*Agora enquanto vai o mar sulcando,
De ouvir do mar as mesmas coisas gosta,
Que se em tua corte algum descanso espero,
E para ser de ti, Alexandre, Homero!*

Em resumo: graças à feliz iniciativa do illustre ministro da Marinha, do Brasil, sr. almirante Guilhem, salvou-se este valioso documento que o dr. Sacramento Blake classificara no seu Dicionário Bibliografica Brasileiro de «manuscrito raro e precioso».

Simão Ferreira Pais termina afirmando que os portugueses revelaram aos sábios da terra muitos segredos da natureza que jaziam escondidos no profundo, esquecidos de excelentes filósofos; chegaram despregando bandeiras, tomando cidades, sugitando reinos, onde nunca o vitorioso Alexandre nem o afamado Hércules puderam chegar; achavam novas estrêlas, navegaram mares e climas incógnitos; descobriram a ignorância dos geógrafos antigos que o mundo tinha por mestres de verdades ocultas; diminuíram e acrescentaram graus; emendaram alturas; e, sem mais letras especulativas que as que se praticam no convés do navio, gastaram o louvor a muitos que em célebres universidades haviam gastado seu tempo. Reprovaram as tábuas de Ptolomeu, porque, caso que fôsse varão doutíssimo não sondou aqueles mares nem andou por aquêlas regiões; descobriram o sepulcro e martírio de S. Tomé na cidade de Meliapor do Reino de Narsinga.

«Ouso afirmar que não há nação na terra conhecida a que tanto se deva como aos portugueses e quem dêles souber outras muitas cousas que deixo confessará que meus louvores ficaram muito àquém e que pudera dizer muito e muito.»



O "Grande Geysir" — vale do de água quente

10 de Julho. — Estamos em Tilbury, donde o "Arandora Star" vai levantar ferro com rumo a mundos para nós desconhecidos. Invade-nos uma ansiedade indescritível.

São 16 horas. O formoso barco entra em movimento sulcando o Tamisa com a imponência dum cisne.

Ao largo, divisa-se a famosa fortaleza quatro vezes centenária que Henrique VIII fizera erguer na intenção de proteger a sua querida Londres contra qualquer invasão pelo lado do rio. Pelo visto, o celebrado Barba Azul britânico não pensava apenas em trucidar as mulheres com quem ia casando.

Entretanto, o "Arandora Star" afastava-se placidamente, e, duas horas depois, encontrava-se em pleno Mar do Norte. Navegava a 16 milhas — velocidade de cruzeiro.

No dia seguinte, já ao norte da Escócia, assistimos a um tão belo pôr de sol que nos conservamos em êxtasi durante

tudo esse tempo. Eram 22 horas e meia. O mar glauco, colorido pelos últimos réverberos do Astro-Rei, mantinha-se tranqüilo como um lago. Dir-se-ia um grande espelho em que o sol se mirasse, num requinte de elegância, antes de ir iluminar outras paragens.

Dentro em pouco estaremos em Transgisvaag — a capital das ilhas de Faroé. Pelo menos, é o que se diz a bordo.

Que terra será essa? A civilização, que tudo transforma e transfigura, já ali teria entrado com o seu camartelo aperfeiçoado?

Informações de bordo dizem-nos que se trata duma terra pobríssima, erva de confortos, estreitamente ligada às suas velhas tradições piscatórias, petrificadas pelo frio, e que vão passando de pais para filhos, num culto inalterável.

Não devíamos estar longe — diziam-nos. Com efeito, no dia 12, às 17 horas, chegávamos à baía de Transgisvaag, cujo aspecto, em boa verdade, não era de molde a encantar quem levava a alma sequiosa de beleza.

Por sua vez, aquela terra não nos fez uma recepção por aí além. Caía uma chuvinha impertinente que nos tirava qualquer ideia de digressão.

Quem desejaria desembarcar? Dos quinhentos turistas que viajavam no "Arandora Star", só setenta se aventuraram a pôr pé em terra. Continuava a chover. Parecia que o céu plúmbeo daquela terra taciturna, lamentava a nossa chegada com prantos.

Chovia, chovia sempre. E aquelas bagas mormas davam a impressão de lágrimas caindo sobre nós. E porquê? Para ocultar a miséria resignada daquelas paragens?

Em Transgisvaag que, segundo nos dizem, tem uma população de 1.200 habitantes, encontramos apenas velhos, mulheres e crianças. Então não há homens válidos? É que esses, nesta época do ano, vão pescar para as vastidões oceânicas da Groenlândia e da Islândia. As casas em que essa gente habita são tódas em madeira, o que parece avolumar mais ainda

RECORDAÇÕES DE ATRAVÉS DOS GELOS ETERNOS SOL DA MEIA NOITE

a pobreza desta região. A única alimentação dos habitantes consiste em peixe e pato marítimo. As crianças para ali andam a habituar-se desde que nascem à tormentosa convivência do mar. São loiras como anjos, é certo, mas tódas atrofiadas. E assim vivem e assim morrem...

Após cinco horas de estacionamento tomámos o rumo da Islândia, a ainda misteriosa Islândia do lendário rei de Thule.

O mar bonançoso parecia desmentir Pierre Loti que, no seu "Pescador de Islândia", lhe atribue o desgraçado fim do apaixonado Yann, perdido para sempre entre vagas revoltas e traiçoeiras enquanto a formosa Gaud nascera a sua vivez.

Finalmente, temos à vista Reykjavik, a formosa capital da "terra dos gélos".

Desembarcamos imediatamente como que atraídos por um poderoso íman. Quasi todos os passageiros tomaram os seus automóveis e seguiram para o interior da ilha, na direcção do Grande Geysir — o famoso vulcão de água quente que entra em erupção todos os dias às 14 horas e meia. Havia muito que andar. Três horas, pelo menos, visto o vulcão encontrar-se a 150 quilómetros da capital.

Logo que chegámos — era meio dia — foi registada a temperatura da água por meio dum grande termómetro que logo acusou 50 graus. Para aquele grande enfermo, que tão belo lucro deixa aos seus assistentes, uma tal temperatura poderia ser considerada normal. A grande crise surgiria duas horas depois, isto é, o tempo necessário para irmos almoçar sossegadamente.

Quando voltámos — eram 14 horas — o grande termómetro marcava já 80 graus. A febre ia subindo gradualmente.

Às 14 horas e meia ouviu-se um grande ruído subterrâneo que nos obrigou a fugir para longe da cratera. O enfermo ia entrar em convulsões, como um histrião de circo, para recreio dos seus visitantes.

Dentro de poucos segundos, começou a erupção que projectava a água a 80 e até a 100 metros de altura.

Ao mesmo tempo, por toda a enorme planície, centenas de pequenos vulcões, tentavam imitar o Grande Geysir, elevando a sua água quente a 1 e 2 metros de altura.

A ilha, no fim de contas, é pobríssima, sob o ponto de vista agrícola, sendo a sua população pecuária reduzidíssima para a sua área.

Regressámos a bordo às 19 horas, após um delicioso passeio através dessa Islândia que, sendo a "terra dos gélos", no dizer dos dinamarqueses, é a que mais água quente nos apresenta...

ainda pior que o nosso, e talvez por isso mesmo, nos compreendemos às mil maravilhas.

Contou-nos então o amável guarda o que é a vida tormentosa naquelas paragens durante o inverno, isto é, desde os primeiros dias de Setembro a fins de Junho, época em que os ursos ali descem diariamente.

— Calculem que em Dezembro — contou-nos o guarda — eu e dois companheiros estivemos fechados na nossa barraca durante uma semana...

— Bloqueados pela neve?

— Não, senhor, pelos ursos que nos estabeleceram um cerco em regra. A razão explica-se facilmente; faltando nesta altura o peixe e as focas que constituem o único alimento dos ursos, estes, atraídos pelo cheiro das conservas que linhamos na barraca, não nos largaram a porta.

— E como se salvaram?

— Porque, providencialmente, chegou o peixe à Baía, e assim nos libertamos deste inferno que durou uma semana inteira.

— E quanto à caça?

— Em fins de Agosto de cada ano chega aqui um vapor saído de Trondheim duas semanas antes. Vem cheio de caçadores daquele ponto, Tromsø e Hammerfest.

As grandes casas de peles da Noruega têm os seus caçadores contratados, aos quais fornecem, além do meio de transporte — ida e volta — no barco, o alojamento em cabanas em que vivem durante os longos nove meses de caça, isto é, de Setembro a fins de Maio. Por cada pele de urso grande pagam 5 libras. Depois de preparada, esta pele é vendida por um preço que vai de 8 a 10 libras.

Pena foi que o nosso amável informador nos tivesse dedicado apenas uma hora. Com mais vagar que coisas curiosas nos teria contado!

Num café de Tromsø indicaram-nos um rapaz que, no ano passado, matara 120 ursos no Spitzbergen, tendo recebido da casa Brandt, de Bergen, 600 libras contadinhas na palma da mão.

— Inlúrpido moço! Disseram-nos depois



Mulher lapã com suas filhas

ter trinta anos de idade, embora aparentemente ter muito menos.

No entanto, quantos caçadores ali morreram durante esses infundáveis nove meses!

Dos sofrimentos dos caçadores das regiões polares árticas ficamos fazendo uma ideia após a leitura das narrativas emocionantes que o falecido duque de Orléans — intrépido caçador como poucos — no seu livro "Classes et Classeurs Arctiques".

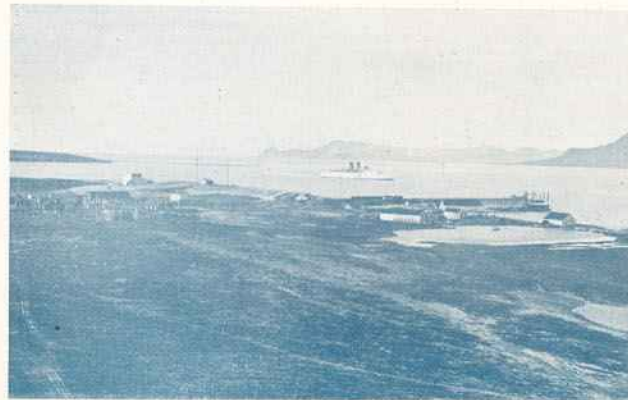
Singrando sempre para o Sul, passamos na manhã de 19 junto da Ilha dos Ursos, cuja vista nos foi vedada por um densíssimo nevoeiro.

No dia seguinte, às 22 horas e meia chegámos à linda baía do Cabo Norte, onde, pela segunda vez, e com um céu lindíssimo, sem a mais ligeira névum, vimos o sol da meia noite.

Espectáculo único que jámais se apagará da nossa retina. Qualquer descrição, por mais eloqüente que fôsse, ficaria sempre muito aquém da verdade observada.

Contrastando com estas maravilhas naturais que nos parecem elevar a um mundo ideal, perfeito, paradisíaco, deparámos com uma pequena tribo de lapões que, esqueléticos e andrajosos, vão arrastando a sua miséria através dessas paragens de sonho.

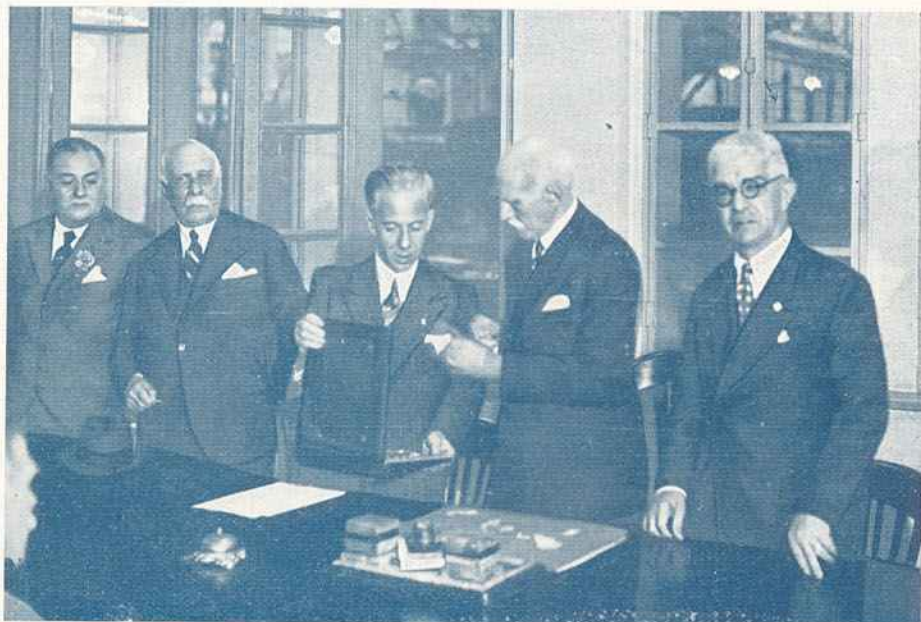
JOSÉ VINAGRE.



A Baía do Rei em Spitzbergen



O sol da meia noite no Cabo Norte — o ponto mais alto da Noruega



Justa homenagem ao dr. Herbert Moses

Em cima: O dr. Herbert Moses, ladeado pelos srs. conselheiro Camelo Lampreia, comendadores José Rainho e Vitorino Moreira, presidente da Câmara Portuguesa de Comércio, ao ser-lhe entregue o colar do Instituto de Coimbra pelo conde Dias Garcia, presidente da Federação das Associações Portuguesas do Brasil. — Ao centro: Um grupo da assistência na homenagem prestada ao dr. Herbert Moses, na Associação Brasileira de Imprensa. Em baixo: O sr. D. António de São Payo falando em nome do Instituto de Coimbra

A Federação das Associações Portuguesas do Brasil prestou uma significativa homenagem ao sr. dr. Herbert Moses, um dos directores de *O Globo* e presidente da Associação Brasileira de Imprensa. O sr. conde Dias Garcia fez entrega, ao homenageado, do colar do Instituto de Coimbra, por proposta do sr. dr. Costa Lobo.

Usaram da palavra o sr. António Luiz Ribeiro, e o sr. D. António de São Payo que, em nome do Instituto de Coimbra, felicitou o homenageado, terminando o seu discurso com estas palavras:

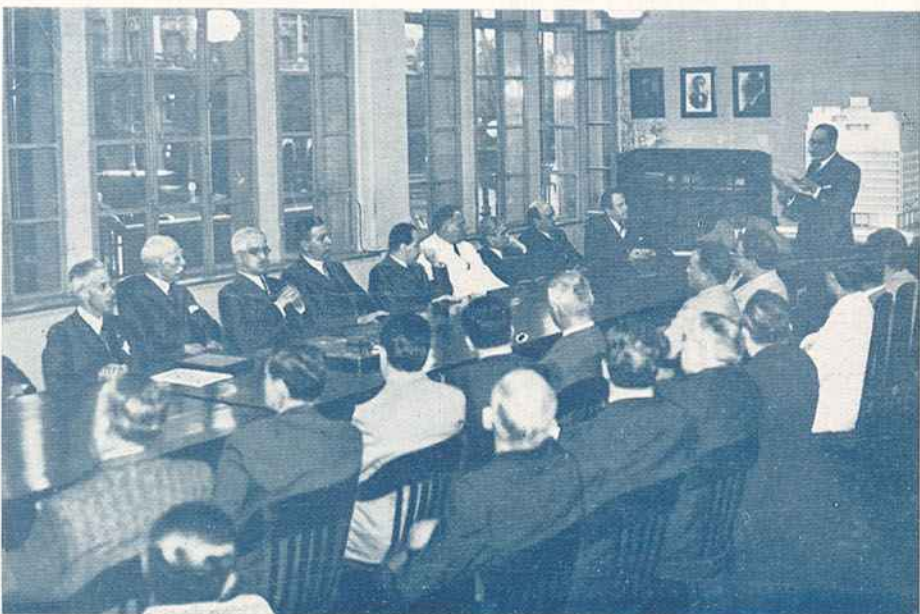
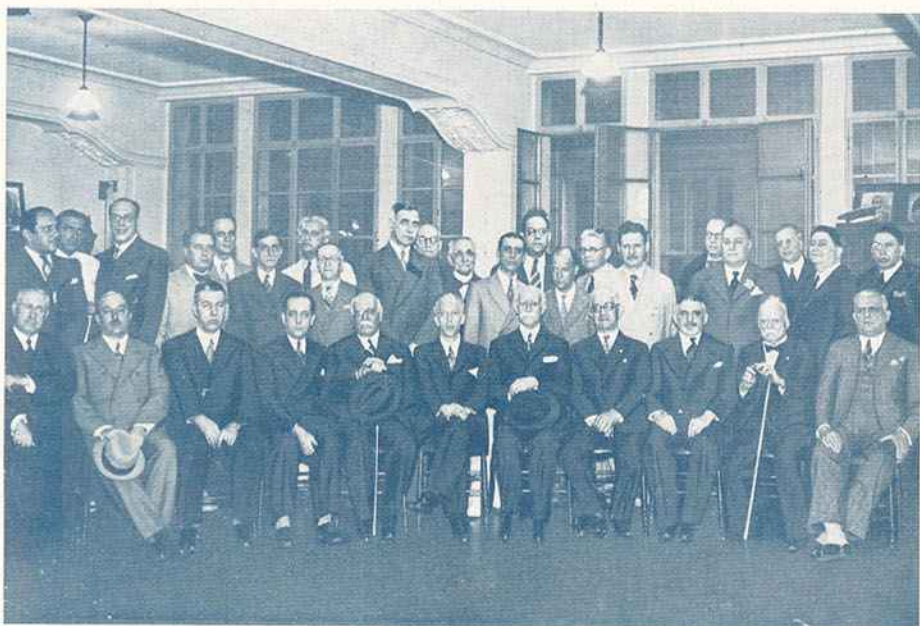
«Congratulamo nos mais uma vez com o Instituto de Coimbra e com o dr. Costa Lobo, pela alta, expressiva, justa e feliz iniciativa que nos proporcionaram o ensejo dessa homenagem ao dedicado Presidente da A. B. I., louvamos a imprensa brasileira pelas suas atitudes na defesa da liberdade de pensamento no intercâmbio cultural que intensifica a consolidação das relações entre Portugal e Brasil, a que nós portugueses estamos ligados pelo sangue, pela língua, pela raça e pelas tradições.»

Num feliz improviso, respondeu o dr. Herbert Moses, que agradeceu a homenagem, afirmando, mais uma vez, como sempre o fez na sua longa vida pública, sua dedicação e amizade à Terra Portuguesa.

Tôda a imprensa do Brasil destacou com comentários lisonjeiros e gentis o gesto do Instituto de Coimbra, elegendo para seu sócio o representante máximo do jornalismo brasileiro.

Ainda sobre esta homenagem, além de por menorizada notícia, o *Diário Português* publicou o seguinte «suelto»:

«Portugal e a imprensa brasileira. — O Instituto de Coimbra é uma das mais conceituadas colectividades científicas do nosso país. Dela tem feito parte, durante longos anos da sua existência, os nomes mais altos da mentalidade portuguesa. É uma instituição que honra quantos são chamados a fazer parte do seu grémio. Por isso consideramos uma obra de justiça o haver sido entregue ao ilustre Presidente da Associação Brasileira de Imprensa o diploma de sócio dessa instituição. Na pessoa do sr. dr. Herbert Moses por certo sobejam qualidades que justificam essa honra. Mas, evidentemente, ela se reflecte na imprensa brasileira, de cuja colectividade êle ocupa o primeiro lugar, por um direito natural dos seus preciosos dons intelectuais. Mas Portugal deve, não só ao ilustre jornalista, mas a tôda a imprensa brasileira, grandes serviços. O nosso país e a nossa gente é sempre tratada carinhosamente nas suas colunas, e serão poucos os nossos agradecimentos por essa benevolência. Assim, a homenagem do Instituto de Coimbra, prestada ao eminente sr. dr. Herbert Moses, alcança tôda a imprensa brasileira, tão digna dos nossos afectos, tão cuidadosa que ela é em se glorificar com as glórias e os triunfos da nossa Pátria. Foi uma merecida homenagem.»



Das três principais cidades do Minho, que são três formosas irmãs, Viana do Castelo é talvez a mais bela. Não possui uma Sé como a de Braga, não tem museus como os de Guimarães, mas tem sem dúvida muito maior beleza natural.

Viana do Castelo, a poética cidade cantada por Sebastião Pereira da Cunha, o mavioso poeta, é uma das mais bonitas cidades de Portugal.

A paisagem que a rodeia é deslumbrante e a cidade graciosa e gentil, tão acolhedora que por qualquer lado que nela se entre é sempre deslumbrante a impressão sentida; parece que logo nos recebe de mãos estendidas, de braços abertos, e, logo nos toma o coração.

Quem entrar vindo da Galiza ou do Alto Minho, vem seguindo a beira-Mar. O vasto Oceano que parece oscular os verdes campos que até à espuma das suas ondas são cultivadas, é o pano de fundo, que faz brilhar as aldeias que trepam pela encosta acima semeada aqui e acolá de casas solarengas.

E logo ao aparecer das primeiras casas, Viana nos encanta com a sua garridice com êsse ar desovulto, que não tira à cidade a sua distinção, mas que a torna provocante.

Quem vem de Ponte do Lima seguindo essa estrada, que parece uma rua de parque, tendo dum lado e de outro as mais lindas casas e jardins, floridas aldeias, como Serseleis, Santa Marta e Meadela, que nos vêm ao caminho dar as boas vindas, sente a mais bela impressão ao entrar na cidade.

Mas a entrada triunfal de Viana aquela que apaixonava a primeira vista o turista, que a ela se dirige, é pela ponte metálica sobre o Rio Lima.

A cidade nasce das águas desse rio, o antigo Lethes, que quem o atravessasse, tudo o que para traz deixasse, esquecia, a avenida Marginal rodeia-a como um colar cinge o pescoço de mulher bonita, e, a cidade espreguiça-se em volta da montanha de Santa Luzia, que a coroa como um diadema, com o seu templo, monumento em cujo frontispício está a imagem do Sagrado Coração de Jesus, obra artística do conde de Santa Eulália e que curvado sobre a cidade a protege e abençoa.

Viana á entrada pela ponte, evoca Veneza. Como ela sai das águas, em aspectos multiformes, segundo a hora e o tempo que faz.

Em si Viana é uma cidade de brilhante e aristocrático aspecto, a rua da Carreira com as casas antigas, solares de artísticas janelas, como a casa dos condes da Carreira, e as que se lhe seguem, é uma das mais bonitas ruas de cidade provinciana que conheço.

A praça da República, a sala de visitas de Viana,

tem o mais artístico canto que o artista pode sonhar, com a fachada da Misericórdia, a Câmara Municipal e o lindo chafariz, esta parte da praça revive as saudades de certas praças de cidades italianas, de Ravenna por exemplo, e, de certos recantos de Siena.

Ha pequenas vielas em Viana, como uma que rodeia a Igreja Matriz com o seu velho lampião,

Viana do Castelo — princesa do Lima

que são um repouso para as almas de artistas, cansados da vida exaustiva das cidades modernas, e que ali se sentem transportadas á tranquillidade da Idade Média, viela que seguindo pela rua Grande nos leva ao embebecimento duma linda janela manuclina.

Mas descansem os modernistas e não se assustem. Viana modernisa-se e em frente da estação; rasgada até ao rio ha a Avenida Nova dum modernismo de construções, capaz de satisfazer o gosto dos amadores desse género de urbanização.

Uma escola de sumptuoso aspecto ornamenta essa avenida e demonstra-nos que a instrução do povo, não é descuidada na linda província do Minho e ainda menos na sua mais bonita cidade.

Quem entra em Viana pelo caminho de ferro, tem logo á entrada a visão de belos edificios, como o Governo Civil á rua da Bandeira, e, o asilo para velhos e entretovados de Nossa Senhora da Caridade. É este sem dúvida o mais enternecedor edificio da cidade.

Ali os velhos e os inutilizados estão instalados numa linda casa onde têm a mais higiênica instalação e os maiores cuidados. Para mim é uma das mais encantadoras coisas que Viana possui, porque dimana o caridoso carinho para com aqueles que pela idade ou pela doença já para nada servem no mundo, e, que mais do que os novos e dos que têm saude, precisam dum cenário que lhes embeleze os últimos dias da sua vida.

E na caridade existe uma preciosa joia: a capela. Em azul e talha dourada essa modalidade tão portuguesa da arte, ela é uma preciosidade no seu género. O côro em acharoadado é originalíssimo e naquele ambiente de Arte e de Caridade nós sentimos como em nenhuma outra parte, elevar o espirito, para Aquele que veio ao mundo salvar os homens e igualar-se aos pobres.

Como Braga tem o Bom Jesus, e Guimarães, a Penha, Viana tem Santa Luzia e como beleza natural é ainda Viana a mais bem dotada.

A vista da Montanha de Santa Luzia é uma das mais belas que me tem sido dado ver, e, eu

posso dizer que conheço uma grande parte dos pontos de vista afamados da Europa.

Na Suíça ha pontos de vista únicos, mas falta-lhes o mar ou que para nós atlânticos é uma insuperável falta. Nos Pireneos ha pontos soberbos mas... com a mesma falta. O Monte Zibidabo em Barcelona, Nossa Senhora de la Garde em Marselha têm o mar, mas falta-lhes o vale do

Lima falta-lhes, essa mobilidade de aspecto que tem Santa Luzia. Dum lado avistamos o mar, a encosta escarpada da

montanha, os campos cultivados até ás glaucas ondas.

Se olhamos para baixo a cidade deitada aos pés lembra uma preguiçosa odalisca, se estendemos a vista para outro lado o vale do Lima em toda a sua beleza, numa curva do rio, fechada por alta montanha, lembra-nos um lago da Suíça com as suas margens esmaltadas por casas brancas duma alegria tão nossa, que nada se lhes pôde comparar.

Santa Luzia com o seu Grande Hotel é uma das mais belas estâncias de repouso de Portugal. Precisa talvez de ser cuidada com mais carinho, mas as vianenses fiadas na sua beleza natural, não lhe dão o tratamento, que lá fora se notaria num tão afamado recanto. É como certas mulheres que fiadas na sua natural beleza, não se toucam.

Mas hoje já não se aprecia a beleza selvagem nem a mulher sem retoque.

Um inglês que esteve em Santa Luzia no mês de Fevereiro, que é quando toda a montanha está encoberta do ouro das mimosas, disse-me um dia: «Em Portugal há uma montanha que vale milhões, uma montanha de ouro: Santa Luzia. Quando saf de Londres quiz mandar flores a uma senhora e comprei um raminho de mimosa, por uma libra. Aqui vi uma montanha de mimosas que a libra cada ramo, vale milhões».

Aqui fica a sugestão aos vianenses, para que melhor tratem as suas admiráveis mimosas.

Mas Viana não é só uma cidade de belezas naturais, tem uma agradável vida de sociedade e quem uma tarde de verão fór á sua avenida marginal de tão encantador aspecto e ver a concorrência ao seu «bar» Girassol onde se reúne a melhor sociedade, tomando chá, jogando o «Ma Jong» tem a impressão que está numa moderníssima cidade. Viana é um ponto de turismo obrigatório para quem quer conhecer as belezas do país e não há maiores do que as do Minho, província formosíssima e de tão diferentes aspectos.

Viana do Castelo é como certas mulheres bonitas, muda de aspecto segundo o tempo, segundo o humor, mas sempre bela, tem qualquer coisa da sereia, e esta mudança de aspectos, que é o seu maior encanto, só vi assim igual em Veneza — a sereia do Adriático.

De manhã o seu aspecto é um, á tarde outro, á noite outro, um dia engalanada por um sol de ouro, no outro envolta nas fazes transparentes da nevoa; côr de pérola num dia enevoado, rosea ao pôr do sol, é a cidade da fantasmagoria das côres, que a reverberação das águas do majestoso Lima lhe dá.

Mas nunca a vi tão bela como uma tarde há dias, que ao passar na ponte depois do pôr do sol, me senti enfeitada por tanta beleza.

As águas espelhadas do rio, reflectiam um ceu acinzentado; por traz de Santa Luzia a mancha violácea e rósea do pôr de sol que aqui e ali, punha tons de madrepérolas nas águas tranquilas e profundas.

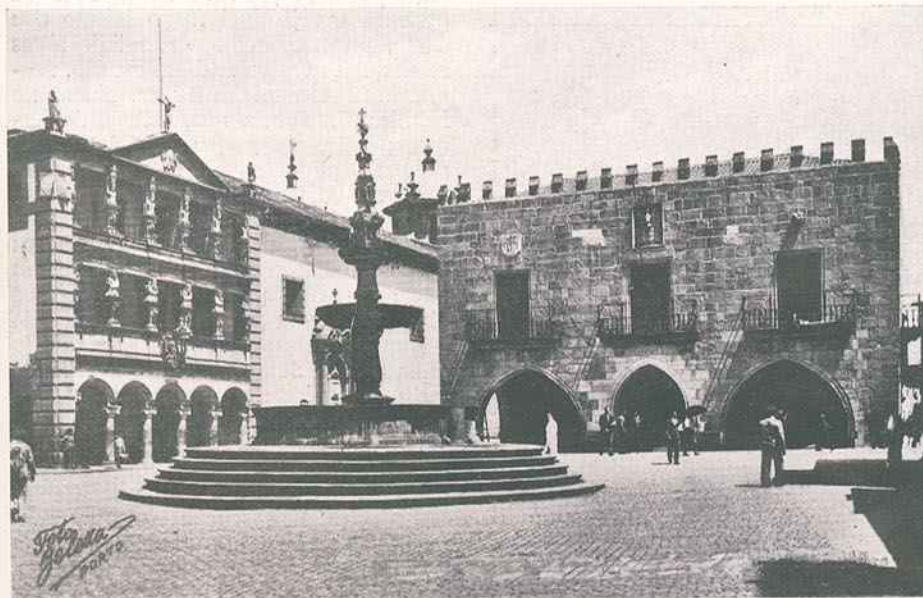
A iluminação da Avenida, formava-lhe um colar de diamantes e a cidade reflectida nas águas, com jeitos de «coquette» que se admira, batida pelas luzes em contraste, tomava fantásticos aspectos, em que predominavam severas e negras as tôres medievais da Igreja Matriz.

Nunca vi um tão belo pôr de sol, nunca vi uma tão suave e perfeita beleza, como a desta cidade, saindo das águas uma apeteose de delicada luz!

E é talvez debaixo dessa profunda impressão, que eu não hesito em dizer:

Viana do Castelo é uma das mais lindas e acolhedoras cidades, do belo e nobre Portugal, pérola entre as joias de que podemos orgulhar-nos.

MARIA DE EÇA.



A Praça da República em Viana do Castelo



Maria Duplessis (a Dama das Camélias) — miniatura existente no Museu da Comédia Francesa

AINDA a Dama das Camélias não tinha um ano de sepultura, quando Armando Duval, isto é, Alexandre Dumas, Filho, publicou o sentido romance da sua infeliz bem-amada.

Vem a propósito dizer que, um mês após a morte da famosa mundana, o desolado Dumas, Filho publicava um livrinho intitulado "Pecados da Mocidade, em que havia este lamento:

*Escrevi-te a dizer que viria buscar
O meu perdão, e ver teu rosto encantador,
Pois que, do fundo de alma, eu julgava ir levar
A primeira visita ao meu último amor.*

*Eis que chego depois de tanto tempo ausente,
Tua casa é deserto, a janela fechada.
Dizem-me que uma tumba ainda bem recente
Para sempre cobriu a tua face amada.*

*Quatro meses durou tua atroz agonia,
E que, por fim, o mal é que foi o mais forte...
Oh! a Fatalidade, em cruel ironia,
Lançou na minha esperança a dor da tua morte!*

O triste fim da Dama das Camélias comovera profundamente o talentoso mancebo que, a princípio, apenas entre-

vira neste idílio uma aventura como tantas outras.

Ao romance seguiu-se a peça que tanto havia de dar que falar.

Quando Dumas, Filho, se decidiu a levar ao palco a sua heroína, viu-se em sérias dificuldades para encontrar uma actriz de categoria que se dignasse aceitar o papel.

A Dejazet declinou o convite, alegando, entre várias razões, a falta de tempo, o que, no fim de contas, — segundo a sua própria expressão — "a penalizava imenso."

Por sua vez, a Fargueuil, ao ser solicitada, emprodiu-se a tal altura, que ultrapassou o pudor das onze mil virgens todas juntas... Recusou-se a fazer o papel de Margarida Gauthier sob o pretexto de que "não estava para se aviltar, aparecendo em cena caracterizada de mulher galante."

Muitas vezes succede assim: a falta de talento é encoberta por uma espécie de capricho que, numa mulher, é quasi sempre aceitável.

Finalmente, ao cabo de meses e meses de contratempos desta natureza, acrescidos ainda com a altitude das autoridades competentes que não deixavam representar a peça, esta subiu à cena no noite de 2 de Fevereiro de 1852, no Teatro do Vaudeville.

Do papel de Margarida Gauthier encarregara-se a actriz Doche que obteve um verdadeiro triunfo. Na véspera já não havia um único bilhete. Paris inteiro queria ver a peça, fôsse pelo preço que fôsse. Uma apoteose!

Alexandre Dumas, Filho, triunfara tão amplamente que não teve pejo em se considerar "o primeiro autor dramático da sua época."

Quando escreveu o prefácio para o drama, fez realçar desta forma o trabalho da sua intérprete, certo de que a Dejazet, a Fargueuil e tantas outras se morderiam de inveja:

"Madame Doche encarnou de tal maneira o papel, que o seu nome fica inseparável para sempre do título da peça.

AMORES

A vida emocionante

Interpretações que teve desde

Eram precisas toda a distinção, toda a graça, toda a fantasia que ela mostrou sem esforço para que o tipo difícil e franco de Margarida Gauthier fôsse aceito sem discussão. O espectador, só de ver



Madame Doche — a actriz que criou o papel de Dama das Camélias

aparecer a actriz, sentia-se pronto para perdoar à heroína. Não creio que uma outra pessoa, seja qual fôr o teatro a que pertença e seja qual fôr o talento que tenha, pudesse, como ela, reunir todas as simpatias em volta desta criação. Alegria fina, elegante, nervosa, abandono familiar, indolência melancólica, dedicação, paixão, resignação, dor, êxtase, serenidade, pudor na morte, nada lhe faltou, sem contar a juventude, o brilho, a beleza, o brio que deviam completar o papel e que são o seu corpo e a sua plástica indispensáveis. Não houve um único conselho para lhe dar, nem uma observação para lhe fazer; representando o papel desta maneira, dir-se-ia que o tinha escrito. Semelhante artista deixa de ser uma intérprete para se tornar uma colaboradora."

De então para cá, neste período de oitenta e cinco anos, quantas actrices primaram em encarnar a Dama das Camélias, sem a ridícula preocupação pundonorosa da tal Fargueuil, cuja pouca celebridade consiste na razão aviltante que dizia en-

Uma cena do filme «Dama das Camélias» com Greta Garbo e Robert Taylor

ETERNOS

da Dama das Camélias

Madame Doche a Greta Garbo

contrar no papel que lhe fôra oferecido.

Sarah Bernhardt representou-o tão a contento do autor, que lhe mereceu a seguinte carta:

Minha querida Sarah,

Consinta que lhe ofereça um exemplar duma edição já bastante rara de A Dama das Camélias. O que torna este exemplar único no seu género é a carta autógrafa que se encontra na 212.ª página, e que está pouco mais ou menos conforme a carta impressa neste sítio. Esta carta foi



Sarah Bernhardt que também criou a Dama das Camélias

escrita pelo verdadeiro Armando Duval há quasi quarenta anos, o que a não rejuvenesce; tinha êle então a idade que tem hoje o seu filho.

Esta carta é a única coisa palpável que resta desta história. Parece-me que ela lhe pertence de direito porque foi V. que deu a este passado morto a juventude e a vida.

Guarde-a, portanto, como recordação da bela noite de sábado passado, e como testemunho bem fraco da minha maior admiração e do meu mais vivo reconhecimento.

Sobre isto, aplaudo-a com todo o meu entusiasmo, e beijo-a de todo o meu coração.

28 de Fevereiro de 1884.

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

A carta em questão havia sido recolhida no espólio da pobre Marie Duplessis, e que Armando Duval, isto é, Alexandre Dumas, conseguira reaver a todo o custo.

Dizia assim:

Minha querida Maria,

Não sou bastante rico para te amar como queria, nem bastante pobre para ser amado como tu desejava.

Esqueçamos, portanto, tu um nome que te deve ser quasi indiferente, e eu uma felicidade que se torna impossível.

É inútil dizer-te quanto isto me entristece, pois deves saber quanto te amo. Adeus. Tens muito coração para compreenderes a razão desta minha carta e muito espírito para me perdoares.

Mil recordações.

30 de Agosto (meia-noite).

A. D.

Nisto se traduz toda essa tristíssima história de amor: "Não sou bastante rico para te amar como queria, nem bastante pobre para ser amado como tu desejava."

Devemos ter presente que no tempo em que não existia ainda qualquer intercâmbio intelectual com o Oriente, Alexandre Dumas, Filho, era um dos autores preferidos no Japão. E, assim, a Dama das Camélias era representada nos palcos de Toquio por artistas japoneses.

Com a invenção do cinema, a Dama das Camélias subiu logo ao écran, como seria de calcular.

Recordam-se ainda da Francesca Bertini? A Margarida Gauthier que ela encarnou mereceu os aplausos de todo o mundo. E, no entanto, o cinema nesse tempo lutava ainda com inúmeras dificuldades.

Agora surge uma nova Dama das Camélias interpretada por Greta Garbo, a mais famosa estrela cinematográfica dos nossos tempos.

Um verdadeiro assombro!

O que teria dito Alexandre Dumas, se lhe fôsse dado voltar à vida e assistir a este desempenho magistral?

Ele, que confessára, ao escrever a Dama das Camélias, "não ter ainda a idade em que se inventa, e, portanto, se contentára a relatar essa história tal como ela se desenrolara", voltaria a vêr, ao cabo de noventa anos, a sua Maria Duplessis tal como a amára nessa época decadente de Lola Montes.

Ele, que afirmára, ao encerrar o seu romance, que "a história de Margarida é uma excepção, porque se fôsse uma generalidade, não valeria a pena escrevê-la", reconheceria, por fim, que essa excepção encontrára uma artista excepcional em Greta Garbo.

E teria sido este o seu maior orgulho de escritor, não obstante ter dito, um dia: "Je suis le premier auteur dramatique de mon époque."

Greta Garbo foi além do que se poderia esperar do seu formidável talento.

Que a Doche tivesse criado uma Dama das Camélias tão ao vivo, consoante o



Greta Garbo — a actual intérprete

próprio Dumas afirma, é natural. Copiou uma figura do seu tempo — Maria Duplessis era um ano mais nova que a Doche — trajava habitualmente da mesma maneira, usava o mesmo penteado, e era ainda muito parecida com a desventurada heroína.

Agora, em pleno século xx, vem a sueca, cuja educação foi moldada pelas evoluções civilizadoras, e, consequentemente a sua índole, é que se torna assombroso pela perfeição obtida.

A própria Maria Duplessis se pudesse ressuscitar não o faria melhor.

Francesca Bertini que fez a Dama das Camélias

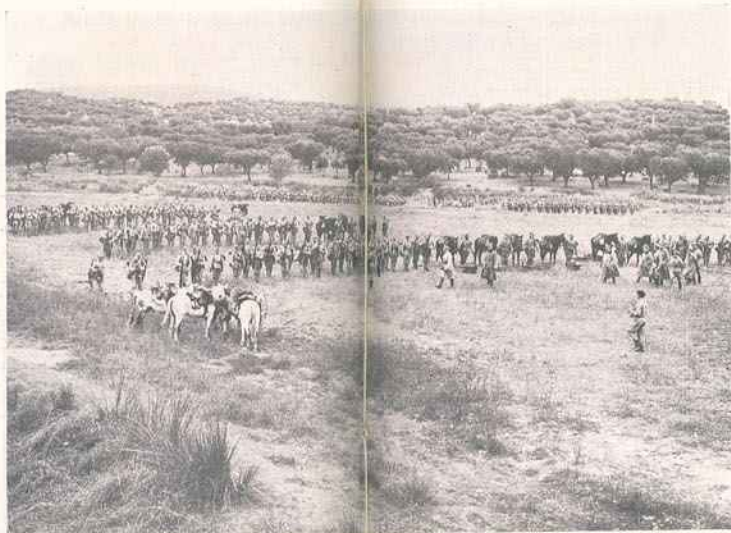




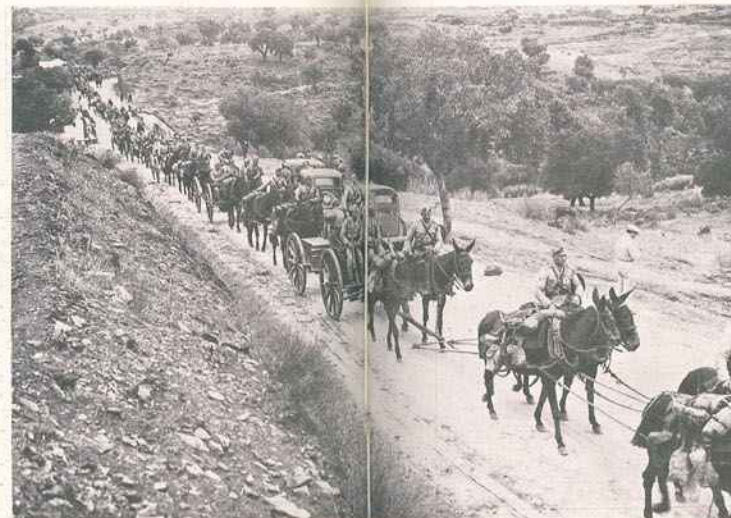
O sr. general Moraes Sarmento, director das manobras, no Cais do Soltré, pouco antes de embarcar com os oficiais do seu Estado Maior

Os exercícios militares realizados constituiu uma altíssima e bela demonstração de entusiasmo patriótico, tática militar e disciplina inquebrantável. Ninguém faltou à convocação. Os oficiais que comandaram as manobras verificaram ter junto de si soldados aptos para as possíveis acções do futuro pela soma de qualidades físicas e morais, podendo, portanto, confiar absolutamente sua bravura inquebrantável. As nobres qualidades da Raça manifestaram-se mais uma vez, patenteando clara-

MANOBRAS DE OUTONO



Dois aspectos flograntes, vendo-se em baixo a Grupos Montada de Artilharia 14 a caminho de Veiros



mente que os portugueses mantêm intangível a gloriosa tradição dos seus maiores. Tê-nhâmos, pois, plena confiança nos destinos da nossa Pátria que há de continuar a ser a que «deu mundos novos ao mundo». E os portugueses de hoje são como os de ontem.

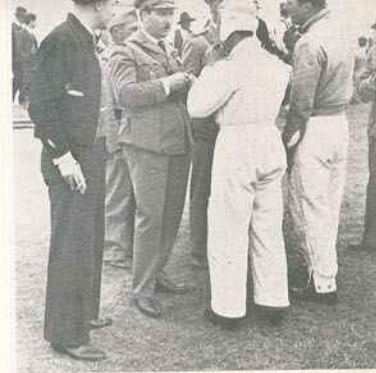
Um aspecto da passagem das tropas para as Manobras de Outono que constituíram uma eloquente manifestação do brio lusitano



O sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, comandante da aviação do corpo do Exército, no seu «Avro»

Na sua visita às tropas em manobras, o sr. Presidente da República, referindo-se à organização do Exército, afirmou que «o seu êxito é garantido pela obra já realizada por Salazar. O problema do Exército não é, portanto, insolúvel».

O sr. Presidente do Governo disse: «Quando tomei posse da pasta da Guerra, eu disse, traduzindo uma necessidade: *temos de ter um exército*. Hoje, depois da visita ao campo de manobras, traduzirei a minha confiança dizendo: Daqui a dois anos,



O sr. tenente-coronel Lelo Portela, comandante da esquadilha em exercícios, ouvindo as informações de dois pilotos, após um reconhecimento



O comandante da esquadilha, tenente-coronel Lelo Portela, ao deslocar no campo da Amadora

nas manobras de Outono, quero dizer a V. Ex.^a, senhor Presidente: *temos um exército!* Assim sucederá. Portugal — o vencedor de Ourique, Aljubarrota, Buçaco, não podia descurar o seu Exército que gloriosamente traçou as belas páginas da sua história.

Os contingentes da E. P. da Administração Militar recebendo, na estação de Santa Apolónia as bolsas com as rações para o gado





O cithara Hilário

E, como se não bastasse, dezenas de cantadores e cantadeiras de Fado aproveitam a malfadada invenção de Marconi para nos acabar de endoidecer, gritando através de mil e um aparelhos de radiotelegrafia.

O Fado! Triste fado o seu — e o nosso! Somos ainda do tempo em que a do-lência dum fadinho nos dispunha bem. Mas assim... assim não!

Corre para aí um boato que, dia a dia, vai tomando maior volume, e tem por fim fazer-nos acreditar no portuguesismo do Fado, e elevá-lo, portanto, à categoria de canção nacional por excelência!

Mas porque estapafúrdia razão havia de ser assim? Sim, porquê? Em que base, por pouco consistente que seja, se poderia apoiar um tal nacionalismo?

Porque a Severa cantou o Fado? Mas a Severa era uma cigana que não deveria ter uma grande honra em figurar na Festa da Raça.

Porque o Hilário levou a sua vida a afirmar suavemente que

*O mar também é casado
O mar também tem mulher...*

e outras coisas que pouco ou nada poderiam influir nas virtudes do nosso povo? Pretenderão acaso demonstrar-nos que

o nosso Afonso Henriques aproveitava os seus ócios cantando o Fado, enquanto não chegava o momento de cair a fundo sobre a moirisma que lhe fazia sombra à Pátria que idealizava? Sentado no alto do castelo de Guimarães, o fundador da nacionalidade portuguesa dedilharia a banza, enquanto o montante formidável que serviu para degolar os cinco reis em Ourique, estaria descansando sobre um escabelo, a aguardar a sua vez? Pretenderão fazer-nos crer que Geraldo Sem Pavor, D. Fuas Roupinho, Mem Rami- res, ou o próprio Gonçalo Mendes da Maia, a pesar de centenário, teriam um certo orgulho em gargantear o choradinho como qualquer iaia dos nossos tempos?

Por este andar, não virá longe o dia em que se afirme que Nun'Alvares vencera em Aljubar- rota, após uma sessão de Fado em qualquer Retiro da Severa desses tempos, e que, de olhos em alvo, obtivera assim a inspi- ração que o levaria à vitória. E então,

numa mão sempre a banza e noutra a es- [nada,

o Santo Condestável teria caído sobre os castelhanos como outrora Santiago sobre os moiros, e os derrotara num abrir e fechar de olhos.

Com muito maior razão poderia afirmar-se, já agora, que foi inspirado no Fado, que D. Deniz, todo dado às musas e ao belo canto, deu expansão à agricultura nacional. E, tanto assim, que só depois de escrever o fado das flores do verde pino é que teve

o fado das flores do verde pino é que teve

LUSOS E MOIROS

Ante a pavorosa ofensiva do Fado que pretende ser a Canção Nacional

a ideia de mandar semear o pinhal de Leiria!...

A própria Universidade de Coimbra, que o mesmo generoso soberano fundou, é o mais seguro documento das tendên- cias fadistas do fundador, pois foi ali que o Hilário tantas vezes cantou o seu tão conhecido Fado — em saudosos homena- gem ao rei lavrador:

*A minha capa velhinha
É da cor da noite escura:
Nela quero amortalhar-me
Quando for pr'a sepultura.*

E daí — quem sabe? — pode ser que a falta de sorte do conde Andeiro tivesse sido originada na sua pouca simpatia pelo Fado, ao contrário do entusiasmo

*Pez mirami senhor de moiroz
epraz mirami por noyo mal-
ra sey que se serviches qual
mingua us poyz eyde fazer
ra no porde pouco senhor
quando perde tal senidor
qual perdides en mi perder*

*Com nha morte eu prer
p q sey q no farey tal
mingua q fezonhe leal
o mayz q podia ser
a qama poyz mo fov
e fostes uos mij sabedor
den p nos atal morrauer*

*E po q ei di sofrer
amorre mui deformuad
co nha morte mayz no mé chat
p qntos q to chz
lumen service meu amor
servang defusar poyr
q a m' defusar viver*

Fac-símile do «Cancioneiro da Vaticana».

que o filho de D. Teresa Lourenço manifiestara sempre, embora bastardo, pelo que pretendem chamar a "canção nacional".

Se a Ala dos Namorados não tem sabido cantar a tempo o celebrado Fado sem pernas, os castelhanos não teriam dado o espectáculo engraçadíssimo do "pernas para que vos quero!"

Não sorriam, que podia ter sucedido assim.

Hoje em dia, o efeito teria sido o mesmo. Calculem uma nova Aljubarrota



Jogral e cantadeira da Idade Média

em pleno século xx. D. João I de cá não teria que se preocupar com os tronos do D. João I de lá, nem sequer o trabalho de afinar a guitarra. Bastaria levar um ou dois aparelhos de radiotelegrafia, e pô-los em contacto com qualquer armazém de fadunchos, e a vitória sur- giria formidável, fulminante. Os castelha- nos, ante a perspectiva de terem de ouvir de pé firme, quatro ou cinco fados, deitariam a fugir desabaladamente, abandonando armas e bagagens.

Qualquer dia podem tentar fazer-nos crer que Pedro Alvares Cabral, ao aportar ao Brasil, foi cantando o Fado às tribus guaranis que captou a sua sim- patia...

Mas falemos a sério, pelo amor que a nossa Terra nos merece.

Porque há de o Fado ser a canção nacional?

Sim, porquê?
O Fado, se nos dão licença que expli- que, está ainda muito criança para acom- panhar uma nacionalidade de oitocentos anos.

O Fado que para aí se canta, nasceu

em Lisboa em meados do passado sé- culo, quando Portugal tinha completado já a sua gloriosa corôa de louros. É certo que se naturalizou português, mas a sua origem foi árabe, e daí o fatalismo que o obceca, numa lamúria de desiludido.

O próprio nome o diz: Fado vem de *Fatum*, que os romanos, embrenhados na sua mitologia, tinham como designa- ção para a vontade expressa dos deuses com referência ao destino dos homens e seus empreendimentos. Não valeria a pena lutar, visto não haver poder capaz de desfazer o que estava feito de an- temão.

Os moiros, tendo sido mais lacónicos na definição que arranjaram, disseram mais, disseram tudo no seu *estava escrito*.

Daqui nasceu o Fado que pretendem arvorar em "canção nacional", como se Portugal fôsse algum chorão que andasse a soluçar as suas desditas de porta em porta.

Os franceses definem-nos, como é sa- bido, com aquêlê estribilho feliz:

Les portugais sont toujours gais.

E quem poderá negar que os portu- gueses são alegres?

Percorram Portugal de ponta a ponta, sôndem o que êle tem de mais belo, mais puro e nacional, e encontrarão a alegria que lhe dá a confiança em si mesmo, e a serenidade que lhe concede a certeza do seu futuro.

Estudem o seu folclore e verificarão que o Norte, tendo sido o berço desta formosa Pátria, é cheio de alegres cantis- gas, estuantes de vida, seiva e vigor.

Percorram o Minho e Trás-os-Montes, atravessem o Douro e penetrem no coração das Beiras, tendo sido o berço desta formosa Pátria, é cheio de alegres cantis- gas, estuantes de vida, seiva e vigor. Percorram o Minho e Trás-os-Montes, atravessem o Douro e penetrem no coração das Beiras, tendo sido o berço desta formosa Pátria, é cheio de alegres cantis- gas, estuantes de vida, seiva e vigor.

Percorram o Douro e penetrem no coração das Beiras, tendo sido o berço desta formosa Pátria, é cheio de alegres cantis- gas, estuantes de vida, seiva e vigor.

Percorram o Douro e penetrem no coração das Beiras, tendo sido o berço desta formosa Pátria, é cheio de alegres cantis- gas, estuantes de vida, seiva e vigor. Percorram o Douro e penetrem no coração das Beiras, tendo sido o berço desta formosa Pátria, é cheio de alegres cantis- gas, estuantes de vida, seiva e vigor.



Um cantaleiro doutros tempos

O Fado é uma canção dolente, arras- tada, soluçante, moirista, em suma, que, se entra nas almas e as empolga, é para as enfraquecer.

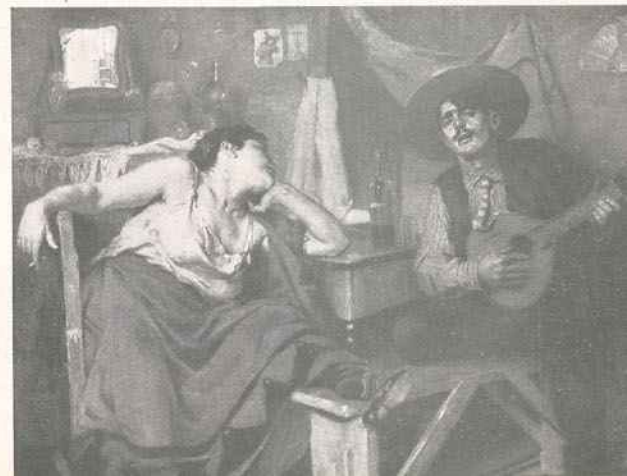
Será melancioso o Fado, mas não tra- duz a indole da Alma Portuguesa que sempre foi impetuosa desde a batalha de Ourique à revolta da Maria da Fonte.

O Fado, em boa verdade, não pode ser incluído no folclore português, por- que é moiro, e moiro continuará a ser até à sua morte. Por mais que lhe digam:

*O' Fado que foste Fado,
O' Fado que já não és,
O' Fado que andas virado
Da cabeça para os pés...*

o Fado há de ser sempre o que foi... e já não é pouco.

GOMES MONTEIRO.



O Fado
Quadro
de
Malhoa

UM automóvel, na América, esborrachou os dedos dos pés a um passeante e este pediu uma indemnização ao dono do carro.

— Essa agora?! — berrou este — o senhor quer 200 dólares pelo dano que lhe fiz num pé!... O senhor julga que eu sou milionário?

— Pois se não é milionário — replicou a vítima — é bom que saiba que eu também não sou centopeia!...

— Pouca vergonha!... O meu patrão acusa-me de lhe ter roubado um conto de réis!

— O que deves fazer é intimá-lo a que te prove!

— É que êle... já o provou!...

— Faz o favor de informar-me quanto me custará o conserto do meu automóvel?

— E que defeito tem êle?

— Isso... não sei.

— Ah!... Então custa-lhe quinhentos e cinqüenta escudos...

Dois comerciantes fecham um negócio. Como chegam inteiramente a acôrdo, um dêles propõe:

— Agora, meu amigo, resta-nos apenas assinar o contrato...

— Para quê? — objectou o outro. — É



um trabalho inteiramente inútil. Se o preço da mercadoria aumentar tu não ma entregarás, e se baixar, não sou tão tólo que te aceite a entrega! Portanto...

— De que andam à procura no rio?

— Dum afogado!...

— Dum afogado?... E para que o querem?

— Já sabes que Jorge foi vítima dum desastre e quebrou ambas as pernas?

— Que pena!... Dançava tão bem!...

Um criado despeja uma travessa de mólho em cima duma senhora.

— Imbecil! — grita ela — Entornáste

o mólho todo em cima do meu vestido!

— Não faz mal, minha senhora — diz muito risonho o servo. — Lá dentro há mais mólho!...

Um sujeito ao passar a ponte do Sena, sente mão estranha a introduzir-se no bolso do seu casaco.

Agarra o ladrão pelo pulso e pergunta-lhe:

— O que quer o senhor da minha algibeira?

O ratoneiro sorrindo graciosamente:

— Mil perdões, julgava que era a minha. O nevoeiro é tão denso!...

Um pretencioso de grande fortuna mas pouco favorecido dos dotes da formosura, mandou-se retratar em corpo inteiro, e — escusado é dizer-lo — com a indispensável comenda.

O trabalho saúu primoroso e de uma semelhança tão completa, que nem o mais consumado fotógrafo conseguiria excedê-la.

Não obstante, o homenzinho não ficou satisfeito, e quando o artista lhe apresentou a têla e a conta, recusou-se a pagar, alegando que o retrato não estava parecido.

— Nesse caso, — disse o pintor sem se alterar, — torno a leva-lo e creia que isso me não causa o mais pequeno transtorno.

— Mas o que vai o senhor fazer-lhe? — perguntou o retratado, julgando que o artista ia dar-lhe alguns toques.

— Vou pintar-lhe o rabo que lhe falta, e fico com um perfeito orangotango para divertir as pessoas que freqüentam a minha casa, e para ferrar com êle na primeira exposição de História Natural que haja.

Um árabe casou sua filha com um francês.

Um dia, a filha vai toda chorosa queixar-se ao pai de que seu marido lhe batera.

— Ousou levantar a mão sôbre ti? — exclamou o árabe com uma cólera cheia de indignação.

— Sim, papá.

— É a injúria mais grave que êle me podia fazer, e isso pede vingança.

E... zás! dá a sua filha uma enorme bofetada, exclamando:

— Volta para êsse miserável, e diz-lhe que homem eu sou. Ele bateu em minha filha, eu bati em sua mulher. Estamos quites!

Num museu: o visitante ao cicerone:

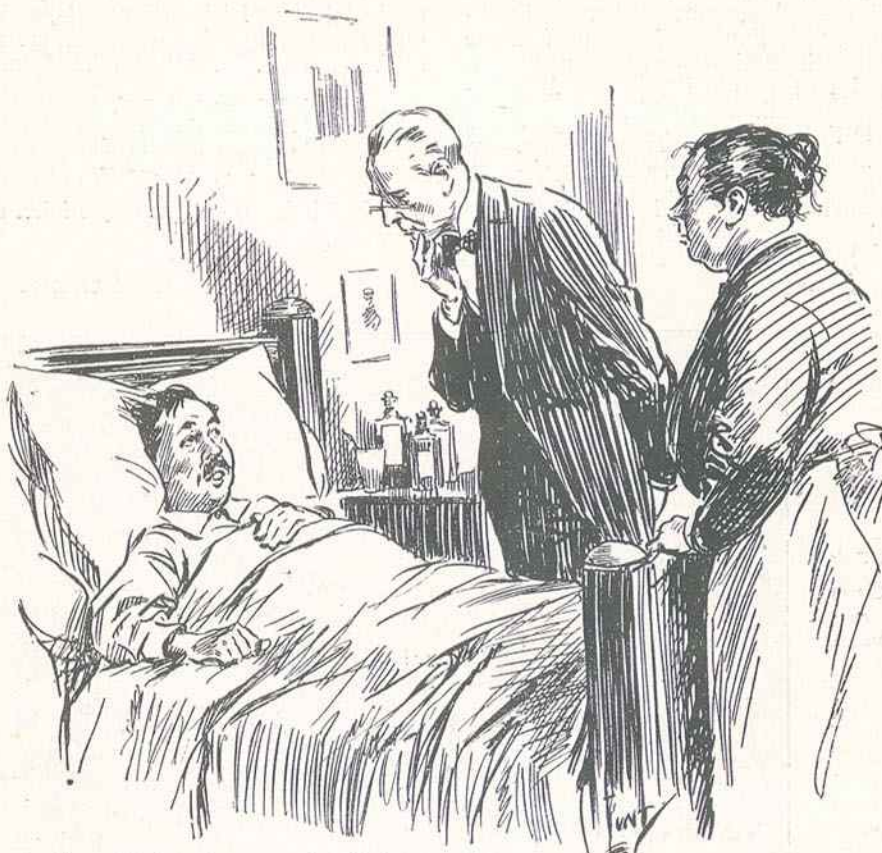
— De quem é êste crânio?

— De Arquímedes.

— E este outro mais pequeno?

O cicerone sem titubiar:

— Do mesmo Arquímedes quando era criança.



O médico: — Já vejo que fosse com mais facilidade, esta manhã.
O doente: — Pudera! Passei toda a noite a exercitar-me.

FIGURAS E FACTOS



Luiz Varela Aldemira, pintor muito ilustre, é também um escritor de elevado merecimento. O seu novo trabalho *Um ano trágico (Lisboa em 1836)* patenteia o valor, não só do investigador paciente, mas do crítico abalizado. Vem «a propósito do centenário da Academia de Belas Artes» em que os documentos aparecem emoldurados em impressões fiéis e comentários rigorosos, mas justos. O escritor é digno do talentoso pintor.



Amadeu de Freitas acaba de publicar um novo livro que intitulou *Três raparigas em liberdade* em que entra o reporter através da Espanha em guerra. Em boa verdade este novo trabalho honra o autor de *A fogueira eterna*, novela cheia de emoção e beleza, e o *D. Carlos* que definiu como reportagem dramática. Mostrando-se um novelista subtil, Amadeu de Freitas não deixa nunca de ser o reporter empolgante e sincero que sabe ver e transmitir-nos tudo o que a sua alma sensibilizada observou.



Após um Verão delicioso que mal deixou reinar o Outono, o Inverno fez ha dias uma das suas tempestuosas visitas à Capital, causando inundações nalguns pontos, especialmente na Ribeira Nova. A gravura acima mostra um aspecto da cheia no Boqueirão do Duro. A subida do nível do Tejo, dificultando o escoamento das águas, provocou êsse e muitos outros espectáculos sendo enormes os prejuizos



Eis o adeus definitivo às praias dado por duas formosas banhistas em Caparica que se mantiveram no seu posto até o fim da época. O mar, agradecido, deve conservar saudades delas até o ano que vem



Um aspecto de Seia

sementes de gramineas. Mas anos e anos as tomou ainda e enceleirou para o inverno, antes que soubesse lançá-las, quando o sol primaveril viola a terra, às encostas aradas pelo degelo.

As menses floriram. O sangue, o suor laborioso as fecundou, e para sempre o coração humano se fundiu à leiva.

E, a cada pègada de criança, mais um casal marcou assento.

A freguezia do Sabugueiro não tem escola, nem correio, nem telégrafo, nem farmácia, nem médico. Nem artífices: a agricultura e a pastorícia são as únicas ocupações.

Não há estradas nem caminhos de carro transitáveis, e os próprios caminhos de pé estão cavados pelas enxurradas.

Por isso todos os géneros que vêm de fóra são mais caros. A construção é caríssima. Não há bois; sem vias de comunicação, sendo impossível a carreteagem, o seu sustento seria ruinoso. Para a lavra, alugam-se aos vizinhos da montanha. Mas na época da lavoura o serviço aperta; há anos que não pode vir nem uma junta. E faz-se todo o serviço à enxada... Titânico esforço!

O regime do trabalho é pesado e cruel; desde o alvorecer até à noite fechada, a labuta não cessa.

Ao levantar, desjejua de pão e queijo; o almôço caldo, de hortaliça ou legumes, batata e sardinha assada, se a há; ao meio dia o jantar — caldo, batatas ou feijão, e, de longe em longe, conduto de carne de porco, bacalhau raramente; e, antes da deita, a ceia — às vezes só

VIAGENS NA Encantos do A 1070 metros

leite e pão de centeio. O Município, abandonando estes valerosos portugueses, que são as mais altas sentinelas da nacionalidade. Estão no centro de Portugal, como no mais remoto sertão de África. Pontualmente, religiosamente, pagam as suas contribuições, e pontualmente, ritualmente, lhes negam todo o auxilio.

Porém os do Sabugueiro teimam, agarrados ao seu ninho de séculos.

Descem à planície, emigram, mas procuram sempre voltar. Entre o bérço e a sepultura, bracejam, lidam, desvaíram, mas querem descer aqui ao repouso eterno, junto de seus pais, cavada a última morada na rocha e na neve.

O coval, tanto como a casa, prendem o homem à terra natal — estância de vivos, pousada de mortos.

Porque habita o homem sob céus tão diversos, desde as regiões polares até ao equador, e se perpetua nos desertos, e se demora nos pantanosos deltas e não desce das fúvias, solitárias cordilheiras? E, se atormentado pela febre de correr mundo, tendo devassado outros continentes e longínquos mares, surgindo nos golfos azuis dos mediterrâneos ou nas pradarias fertilíssimas das mesopotâmias, nos campos auríferos ou nas cidades deslumbrantes, porque não esquece nunca o alqueive da sua chá natal ou o barquinho onde ensaiou o velame, e — entre o prazer e a opulência — gême de saúde?

Passando por uma póvoa inóspita da costa ou por um casal perdido, murmuramos: — Meu Deus! quem há de viver aqui? E tantas vezes a nostalgia nos mata, porque, a tempo, não chegamos à tristinha angra donde partimos ou ao frio êrmo que abandonámos!

O meio não só gera e cria o homem, mas inteiramente o possui: domina o seu cérebro, regula a sua circulação, ordena os seus nervos, condiciona a sua sensibilidade.

Assim se explica que o Sabugueiro exista ainda e que a sua população aumente mesmo. Nos fins do século XVIII tinha 40 fogos; um século depois duplicava já. A aldeia há cinquenta anos que enriquece. As últimas gerações arrotearam terrenos novos e reconquistaram todos os que se haviam deixado em maninho.

As condições climatéricas são hostis, mas algumas árvores de fruto resistem; a macieira dá-se bem. Vi algumas videiras.

O carvalho frondeja perto. O castanheiro que sóbe mais alto, abunda. O pinheiro vai alargando a sua área.

O centeio prevalece entre todos os cereais, mas o milho cultivava-se também muito.

Hortaliças e legumes excelentes. E é

NOSSA TERRA Sabugueiro de altitude

de grande rendimento a batata. Quantas variedades! Casca de carvalho, vermelha, amarela, branca rasteira, redonda, comprida, ova... O paraíso de Parmentier!

O fabrico de queijos é importante. E não há melhores queijos que os do Sabugueiro.

Ceámos alegremente em casa de António Lopes Patrão, homem de boa marca, cabeça firme em ombros largos, peito saliente, regular estatura.

Bem equilibrado nos seus cinquenta anos, nenhum cabelo branco, de olhos, castanhos, o seu semblante sorri à sua camisa de linho, lavadinha. Têm um ar de leve malícia os serranos...

Sua mulher é senhoril, inteligente e activa. Uma das filhas costurava ainda, quando entrámos. Deixa a sua máquina Singer, para acolher-nos.

E todos se afdigam por nós. Dão-nos boas camas de fogos enxergões, com cobertores de burel xadrezado e niveos lençóis.

Mas, a 1070 metros de altitude, preferimos leite mais rústico: erguemos na sala de entrada amplo leite, com meio fascal de colmo.

A porta aberta, a sono solto dormiremos.

Da conversa longa, um, outro e outro vai desertando. Até que só eu fico acordado...

A fraga do Terreiro, dominante, vela o casario calmo, as cabanas dos gados, a fonte saudável, as eiras contemplativas. O silêncio embala. E sobre a Serra estremece a palpante lírica do luar...

Seis horas da manhã. Chegamos os novos guias — Manuel da Ereira e José Martinho. Este, que vai para os 70, alto, forte, tísado dos nevões e do sol, é do tempo clássico dos pastores serranos. E embora tenha, em moço, servido pela Extremadura e Alentejo, atravessando corruptas cidades, tem um ingénio olhar de criança e uma alma pura de lusitano.

Em toda a nossa jornada vibrará sempre nele um juvenil entusiasmo de poeta! O Manuel da Ereira é um homem de juízo, concentrado e susceptível com uma pontinha de orgulho resignado.

Em volta de nós rapazinhas brincam. Nada pedem; dificilmente os mais pequenos recebem umas moedas de tostão... Os pais, com o seu fato domingueiro, à espera da missa, com fidalga lentidão aceitam alguns cigarros...

Vamos à procura do padre Alberto, que já está na igreja — um edificio antigo, multi-secular, reconstruído há poucos anos.

No campanáriozinho gracioso, o sino novo, de metal lucente que faísca ao sol, treme limpidamente no limpidíssimo ar.

Da velha fábrica restam dois altares; mas os santos são todos nossos contemporâneos. Brinca num andor o Menino-Jesus, de rico vestido de sêda e chapéu desabado de zagal, todo em oiro...

Aquela igreja serana acorda tão profundamente em nós a alma primitiva, que abraçando o padre Alberto, nos despedimos comovidos, e partimos, como velhos soldados, sob a bênção de Deus...

Atravessamos as hortas, onde as águas, que abraçam o Sabugueiro, moirejam noite e dia. Raparigas regam, cantando. São dum tipo meio — o da raça portuguesa — bem conformadas, firme a cabeça, o busto apuradmo, os olhos lindos...

Ladeamos o Alva, e passamos, por uma pequena ponte, a afluente ribeira de Porto Cabrito, que vem de Vasqu'Eanes.

No cimo, uma alta fraga (1158 metros). Cercando-nos, um cenário de penhascas... Fantásticos castelos!

Trepamos o Covão da Espada. À esquerda, o Porto da Roda.

Culturas, batatais ainda floridos... — Porque não arborizam estes sítios? interrogo.

Alguns pinheiros, na lomba a norte do Sabugueiro, animam... Mas fico sabendo que, com os seus ramos erguidos, desde certa altitude, partem com o gelo, *alagam-se*.

Seria necessário procurar espécies de grande resistência de ramos pendentes, árvores do norte, filhas da neve. Nos vales vão bem os castanheiros, com ramos flexíveis e despindo-se no inverno de toda a folhagem.

Aí temos a Fervença, que se precipita sobre o abismo quasi a prumo — cen-



Régio do Alva na Serra da Estrela

tenas de metros de desnível até unir-se, perto, com a ribeira de Porto Cabrito.

Vale de Perdiz fica para nordeste, a 1400 metros de altitude.

Próximo de nós, a Fraga do Rato, inclinada-se sobre o leito do Alva, todo rasgado em rocais.

Não há, segundo a fama, mais saborosas frutas em Portugal do que as deste rio.

Vamos pela Várzea. (1200m) onde o guia Martinho tem uma propriedade — meio hectare de cultura perdida no descampado, com um bardo para o rebanho e um cabanal de abrigo.

Há muito, destas alturas a videira desapareceu. O carvalho também. Ainda vegetam a oliveira e a figueira; mas as geadas de S. João não deixam que frutifiquem. A queiró, a urgueira, a magoriz e o boteiro florescem com o sargaço, branco e encarnado.

E que víçosos fetos! Vadeamos o rio. Nas margens, nenhuma sombra de árvore. Nem olmo, nem amieiro, nem salgueiros; se os houve, roeu-os a cabra — que tudo devasta o dente daninho deste lindo animal...

E não se vê tojo nem carqueja. Mas as abelhas zumbem de sol a sol!

Por toda a parte o granito aflora.

Através dum recorte, no pulular da penedra, avista-se a Terra-Chã, o vale do Mondego.

LOPES D'OLIVEIRA.



Sabudo na Serra



Neve na Serra

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

Prezados confrades:

A morte na sua sanha feroz e implacável arrebatou nas suas garras aduncas a vida preciosa do nosso saudoso confrade e amigo Luiz Ferreira Baptista, «Rei-Fera», que tão brilhantemente dirigiu esta secção, durante alguns anos. «Rei-Fera» possuía um carácter leal e franco,



Luiz Ferreira Baptista

tornando-se simpático a quantos com ele conviviam e era, sem dúvida, um charadista de grande merecimento.

Afastava-se das intrigas e desavenças procurando a boa harmonia e a amizade de todos. Da última visita que lhe fizemos ao Hospital de Jesus, onde esteve internado durante alguns meses, ficámos convictos do seu breve restabelecimento; ele mesmo esperava, conforme nos afirmou, tomar conta da sua secção nos princípios de Setembro. Foi, portanto, com surpresa e mágoa que tivemos conhecimento pelos jornais do seu passamento em 30 de Setembro transacto, quando ainda havia tanto a esperar das suas faculdades de trabalho e inteligência, pois deixou-nos em pleno vigor da vida.

Ao tomarmos a Direcção desta Secção não podemos deixar de prestar homenagem à sua memória numa sauidade sincera emanada da longínqua amizade que entre nós progressivamente foi mantida.

A sua inconsolável esposa endereçamos as nossas respeitadas condolências.

SECÇÃO DO DESPORTO MENTAL

Para que esta secção charadística, inserta na nossa primeira revista literária, não desaparecesse, nesta época em que o Charadismo parece resurgir, propuzémo-nos iniciá-la, novamente, esperando merecer de todos os estimáveis confrades, colaboradores ou não da mesma, um pouco daquela apreciada dedicação e estima com que souberam alvejar dignamente o nosso falecido amigo e confrade «Rei-Fera».

A todos, Daquém e Dalém-Mar, dirigimos os nossos respeitáveis cumprimentos de saudação distinguindo, em especial, os confrades que tem a seu cargo a chefia de Revistas, Jornais ou Secções.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 1

APURAMENTOS

Devido a dificuldades surgidas em obtermos parte do original que estava em poder do falecido Director desta Secção, resolvemos considerar sem efeito as listas de decifrações dos números, cujos resultados ainda não foram publicados, e iniciar uma nova numeração. Os nossos amigos pouco ou nada serão prejudicados com esta alteração, visto esta Secção não atribuir prémios a produtores nem a decifradores. Esperamos, contudo, muito em breve organizar um regulamento com torneios nos quais sejam conferidas algumas obras literárias como recompensa aos que mais se distinguem.

LISTA DE DECIFRAÇÕES

As listas de decifrações do presente número devem estar em nosso poder até 28 do próximo mês de Fevereiro.

PRODUÇÕES

Solicitamos de todos os colaboradores produções em verso e que sejam de fácil solução, podendo ser verificadas nos dicionários que até aqui tem sido adoptados no Desporto Mental.

IMPrensa

Charadista — Relativo a 15 de Outubro transacto saiu o n.º 72 desta esplêndida revista da especialidade que ultimamente vem sofrendo notáveis melhoramentos tornando-se querida e bem conceituada pela colectividade Edipista. Felicitamos o seu Director, João Francisco Lopes, «Jofralo», pela maneira distinta como tem sabido orientar este porta-voz e pelo esforço desinteressado que nele tem dispendido, possivelmente, em detrimento dos seus assuntos particulares.

Charada — Referente a 1 de Outubro saiu, também à luz da publicidade este interessante jornal da causa charadística o qual apesar de contar pouco mais de dois anos de existência não pouco tem concorrido para estímulo e divulgação do Edipismo. É digno de louvor o trabalho e dedicação que os seus dirigentes lhe consagram no intuito de o tornar dia a dia mais atraente e estimado dos seus filiados. Os últimos números demonstram bem um nítido aperfeiçoamento.

Farolim — Acusamos a recepção deste jornal que se está publicando mensalmente em Loanda e no qual se está desenvolvendo uma interessante secção charadística sob a Direcção do nosso apreciado confrade «Dr. Sicascar».

Desejamos as maiores venturas o progresso a esta Secção de modo a conseguir em Angola o gosto pelas coisas charadísticas.

CORRESPONDÊNCIA

Luanda — *Dr. Sicascar*. — Em nosso poder duas cartas, com a respectiva documentação, dirigidas ao falecido Director. Agradecemos e esperamos continuar a receber a vossa preciosa colaboração e dos restantes confrades dessa Colónia. Temos, sobretudo, falta de original em verso.

Cumprimentos a Santo António e Mrs. Le Bossat.

Toda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: *Isidro António Gayo*, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS

(a R. Maia)

1) Se alguém me visse nesta cisma
[agora]
Dizia que eu dormia, pois no entanto
A triste desventura, em negro manto,
De roda do meu cer'bro geme e chora.

E sempre desde a noite à fresca aurora, — 1
Em preces, rogo num caudal de pranto
Ao Deus *apreciado*, excelso e santo — 3
Prá minorar a dor que me devora!

Não sei que força estranha se moveu
Na minha conjectura descontente,
Que tudo p'ra meu bem se converteu.

Agora só te peço — Onnipotente —
Que digas se p'ra sempre mereceu,
Da tua graça, esta tristeza *ingente!*

Lisboa Fero

2) Osculo a fronte altiva e magestosa.
Da grandiloqua plaga em que eu habito; — 1
Abrindo o repositório do infinito
Discortino essa imagem donairoso.

Surge à luz numa prece fervorosa
Seu nome divinal, puro e bendito.
Assim como este sonho em que medito
Ao vê-la sob um manto côr de rosa... — 1

De porte intemerato e espada erguida,
Tu és a Pátria a quem damos a vida
Com denodados feitos de altívês!

Desfralda a tua flâmula à vitória
Cingindo em letras doiro a nossa *história*,
A nossa crença... o sangue português!

Lisboa Barão Y

TRABALHOS EM PROSA

NOVISSIMAS

3) Faz-me um *adens*, se tens *ciúme*, depois se-
rei teu *protector*. 2-2.

Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)

4) Porque queres *rapar o sal* sem o patrão as-
sim o *desejai*? 1-1.

Luanda Mrs. Le Bossat

5) A mulher moderna *habita* com *tristeza* a sua
casa. 2-1.

Lisboa Jônio (L. A. C.)

SINCOPADAS

6) Eis um *livro* que se lê com *ardor!* 3-2.

Lisboa Nita

7) Nesta *dança espanhola* estra muito *ardil*. 3-2

Luanda Mrs. Le Bossat

8) A questão é o *começo*, porque a *jama* depois
virá. 3-2.

Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)

9) Quando me sentam na *polltrona* alegra-se-me
o *rostro!* 3-2.

Lisboa Ordisi Júnior

10) A *embriaguês* é sempre motivo para *escár-
neo*. 3-2.

Luanda Santo António

MEFISTOFÉLICAS

11) Caía *chuva* quando um *indivíduo importante*
me oferecia um *brinde*. (2-2) 3.

Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)

12) *Desce* além na outra *banda* mas de modo
silencioso. (2-2) 3.

Lisboa Infante

SER jornalista é a aspiração de muito menino bonito, porque eles pensam que aquilo é pão com mel, porque por detraz do dístico de jornalista só vêem aventuras, sorrisos gaiatos de artistas, pernas nervosas de *girls*, nas convulsões *doc harleston* ou na riqueza desnuda duma apoteóse de revista.

Eles pensam que ser jornalista é possuir a gazua mágica que abre as portas de todos os roubados nirvanos, onde a imaginação se desdobra em sensações diversas, que fustigam os nervos e adormecem a vontade.

Eles pensam que ser jornalista, é ser nababo, numa terra onde tudo escorre docuras, como no país fantástico dos contos de crianças, onde floresce a árvore da ventura, ali tão à beirinha, que é só levantar um pouco a mão para colher um pômo delicioso.

Afinal, é tão diferente, o reverso dessa medalha que os profanos forjam para seu uso, no goso pleno das suas ingénuas ilusões!

Ser jornalista exige uma mentalidade duma agudeza fóra da craveira ordinária.

O jornalista tem que ser o orientador das multidões, com sacrifício do seu próprio critério que às vezes gostaria de servir uma idéa diversa daquela que é obrigado a defender, porque essa, que não é a sua, pôde ser a que convenha à colectividade.

O jornalista tem que se integrar na vida do seu país, para poder ensinar o bom caminho àquêles que se extraviam dêle, por chamados vindos de todos os lados, que os desnorream por completo.

Tem que ser o operador seguro, de bisturi certo, para cortar certas excrescencias de illusórias promessas que se agarram aos cérebros fracos, que não pôdem defender-se sôzinhos de malévolas influencias estranhas.

O jornalista tem que conhecer a fundo o roteiro do bem-estar do seu país, para ser um guia seguro; tem que saber manejar tôdas as subtilidades da retórica simples, sem palavrões esplendorosos como fogo de vistas, do qual nada fica a lembrá-lo, quando acaba, senão o esqueleto tôsko e informe da armação que já nada significa.

É preciso que o povo o compreenda, sem esforço e sem deslumbramento; é preciso que êle levante a estátua da verdade, com tal clareza, que até um cego a presinta a dentro dalma.

E êste — conjunto de qualidade de bom quilate não é só — não deve ser só adorno dos graduados que teem a seu cargo o artigo de fundo — o *leader* da orientação geral do periódico.

Um simples informador de casos deve andar a par dos seus chefes no bom senso e na habilidade de bem manipular a notícia sensacional, que pôde ser também

uma lição que aproveite a muitos leitores que pegam num jornal, por desfastio, e podem largá-lo, reflectindo e meditando na vida.

Ser jornalista... Mas, meus rapazes, ser jornalista é um caso grave, e tão es-

SER JORNALISTA...

pinhoso, e tão cheia de responsabilidades, como ser pastor de almas ou de ovelhas.

As almas tresmalham-se, ao som de certas músicas, celestiais na aparência, mas de infernais conceitos.

As ovelhas, curiosas, vão descendo o monte, enlevadas na herva que consola, e o lobo só espera um momento de distração do pastor, para escolher a sua presa.

O povo simples e confiado é assim. A ambição engana-o, com promessas falaciosas que o pôdem desencaminhar para sempre...

O jornalista, de olho àlerta, como cuidadoso pastor, tem que o chamar ao bom carreiro, antes que êle se afaste demaziado e não ouça já a sua voz...

Ser jornalista... Mas é um poema completo, um poema ao qual não faltam sequer as estrofes tristes do desgano.

Que têm as mais das vezes para não dizer sempre, que têm êles, como recompensa, ao cabo de tal campanha de sacrificio e de dedicações, que vai até à abdicção da sua própria personalidade, para só pensarem no bem comum?

A ingratição daquêles que ajudaram a preparar a escadaria do triunfo, a miséria ou umas sopas dadas com enfado por quem depressa esqueceu de quanto lhes é deverdo.

As côres com que estou pintando êste quadro, não mas deu a fantasia.

Foi a vida e a experiência dos forçados da pena que mas forneceram, palpitantes de verdade.

O jornalista é o guerreiro máximo — o guerreiro de armas múltiplas e de múltiplos processos de ataque e de defesa.

Os seus golpes são mais eficazes do que as balas ou os estilhaços de granadas, quando é preciso atacar injustiças e infâmias.

E dessa mesma pena distilam bálsamos, que suavizam as feridas de alma dos sinistrados da má sorte.

Ser jornalista — oh! quem pudera sê-lo integralmente! — é ser tudo, é atingir tudo o que poderia almejar.

O jornalista é ainda o eterno caminhante enamorado da maravilha, que Alfredo da Cunha tão lindamente define nêstes primorosos tercetos:

*Andamos á procura do que é belo,
Argonáutas após um aureo vélo
Que ao fim do mundo iremos demandar,*

*Adoramos a arte e a beleza,
Onde quer que irradie da natureza,
No som, na luz, na cor, no céu, no mar!*

MERCEDES BLASCO.





O desfile do primeiro contingente das associadas do nível Olimpista Feminino Português foi a nota mais dominante do festival das Amoreiras

ANDA de parabens o público desportivo português, para o qual principiaram as competições oficiais de «football», seu passatempo predilecto nove meses durante o ano e motivo para saudosas recordações nos três meses restantes.

A-pesar-de todos os esforços de propaganda a favor de outras modalidades, a-pesar-dos progressos incontestáveis e da maior expansão dos desportos estívais, atletismo e natação, ou de jogos de inverno como o «basket» e o «handball», nenhum espectáculo exerce sobre a multidão poder atractivo semelhante ao dos encontros onde gira pelo campo a caprichosa bola redonda.

Este interesse é, afinal, o reflexo duma preferência que se manifesta no mundo inteiro com idéntica intensidade; o «football», excepção feita aos Estados Unidos onde não passa de plano secundário, é nos quatro continentes o



Os primeiros encontros de football da época chamaram aos campos, grande eficiência de público e decorreram num ambiente de entusiasmo nos participantes que a nossa gravura mostra à evidência

A QUINZENA DESPORTIVA

Como entre eles se contam elementos novos, susceptíveis portanto de progredir, é aceitável esperar que os onze melhores escolhidos consigam obter resultados honrosos para o desporto português e, quem sabe, talvez a primeira vitória no estrangeiro há dez anos esperada desde a gloriosa campanha olimpica de Amsterdão.

Para de momento é o campeonato de Lisboa que ocupa a vanguarda das competições em curso; como é de tradição nesta prova, Belenenses, Benfica e Sporting apresentam-se como os únicos participantes capazes de arrancar a vitória, e a diferença de valor que provaram nos jogos já efectuados, em referência aos três adversários, Carcavelinhos, Casa-Pia e União, foi tão acentuada que afasta a hipótese plausível de qualquer surpresa e leva a crer que este ano o título se decidirá pelos resultados directos dos seus jogos, sem interferência de terceiros.

O Sporting, há quatro épocas campeão, conserva-se invencido, manifestando firme propósito de prolongar a série de triunfos, única na história da prova e só muito dificilmente igualável.

Desde 1907, primeiro ano em que a extinta Liga de Football Association organizou um torneio oficial entre clubes da capital, nenhum competidor conseguiu mais do que três vitórias consecutivas; foi o caso do Carcavelos nos três primeiros campeonatos, e do Benfica de 1912 a 1914 e de 1916 a 1918.

Duas vitórias seguidas figuram na lista atribuídas ao Sporting em 1922-25 e ao Belenenses em 1929-30. Todas as restantes são alternadas e os 31 títulos jogados dividem-se assim: para o Sporting, 11; para o Benfica, 9; para o Belenenses, 4; para o Carcavelos, 5; para o Vitória, 2, 1 para o Internacional, e outro, para o Casa-Pia.

A maior série de vitórias em épocas imediatas que se encontra no rol dos torneios lisboetas é a da 5.ª categoria do Sport Lisboa e Benfica, com 7 classificações, desde 1911 até 1917.

Os actuais campeões são: Sporting em categoria de honra, Belenenses em categoria reserva e Carcavelinhos em 2.ª categoria.

O problema dos clubes corporativos, que há meses tratamos desassombadamente numa crónica da *Ilustração*, fo-

cando-lhe os perigos e a desvirtuação desportiva a que podia dar lugar, foi agora apercebido pelas colectividades puramente civis, e tanto as alarmou que o solucionaram, pela força esmagadora do número, de maneira a salvaguardar-lhes os interesses mas em contrário da sã lógica e, mais ainda, da lei moral do desporto.

Visando determinada agremiação, cuja designação é um réclamo constante a certa entidade industrial, e que se incorpora no grupo daquelas que não podem invocar o objectivo de preparar pela cultura física o pessoal assalariado porque constituem o seu grupo representativo com indivíduos recrutados fora para esse fim e tendo como exclusiva bagagem técnica saber dar pontapés numa bola, os clubes de Lisboa vedaram a entrada na Divisão de Honra a qualquer colectividade que conte menos de 12 anos de filiação na associação regional.

O processo solucionatório não nos pôde merecer aplauso; que éle era indispensável já aqui o proclamamos, mas nunca de maneira violenta, asfixiante, como aquela que foi escolhida.

A razão mandava que se fizesse a absoluta separação de campos, como o estabeleceram algumas federações; e não procedendo assim, querendo respeitar direitos adquiridos, seria preferível impôr a modificação do nome do clube, alheando-o de qualquer ligação que pudesse trazer a ideia de propaganda comercial. Como as agremiações atingidas são as primeiras a proclamar a sua isenção, certamente não poriam dificuldades e tudo se arranjaria pelo melhor. A fórmula preferida é, sob o ponto de vista desportivo, uma arbitrariedade, e só tem como atenuante a desculpa-la em parte, o facto de ser uma decisão de legítima defeza.

Fóra de Portugal, o acontecimento mais importante e digno de referência foi o novo «record» da hora em bicicleta, estabelecido inesperadamente pelo holandês Franz Slaats, na pista do Velódromo Vigorelli, em Milão, que há três anos é cenário clássico para todas as tentativas do género.

Aproveitando o período do outono que serve de época de transição das corridas em estrada para as provas em



No festival feminino organizado nas Amoreiras as delegações do Casa-Pia e do Belenenses destacaram-se pelo seu garbo e apresentação

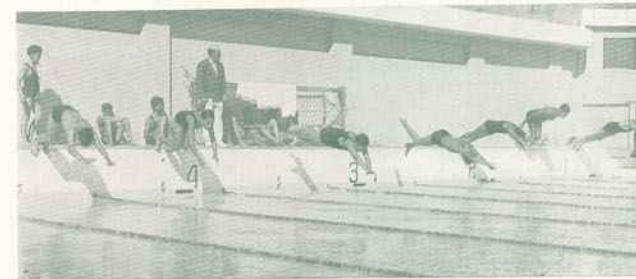
pista, diversos especialistas, Archambaud, o recordman «em exercício» Richard, o predecessor e aspirante a sucessor de Olmo, tentaram em vão ultrapassar a marca oficial dos 45,™ 398. Surgiu de improviso um homem de classe reconhecida, especializado em corridas à americana, mas que nada indicava capaz de levar a bom termo uma proeza deste género e, à primeira tentativa, percorre nos sessenta minutos 45,™ 558 e aposa-se do mais ambicionado «record» mundial.

Franz Slaats, que tem 25 anos, é um atleta de estatura imponente, medindo 1™,82 e pesando os seus oitenta quilos; estreou-se como amador em 1931, passando três anos depois a profissional especializado exclusivamente em provas de pista. O valoroso holandês, com a chegada do inverno, tem o seu bem garantido por uma dezena de meses, mas não devemos enganar-nos afirmando que

pouco mais longe irá a sua soberania e que em 1938, Richard ou Olmo, ou qualquer outro que a ocasião revele, ultrapassarão o limite por éle estabelecido. Embora não tenhamos no nosso país uma pista em condições favoráveis, pois nem a do Lima nem a do Lumiar podem, sequer, satisfazer, julgamos que seria muito interessante criar para a época próxima uma competição aberta aos nossos ciclistas no intuito de estabelecer o record nacional da hora sem treinadores.

Estabelecer-se-ia um prazo para disputa, e aquele que ao chegar a data terminal se encontrasse senhor do resultado, receberia um prémio compensador. Os corredores de maior nomeada não se esquivariam, por certo, à luta e o público também acompanharia com interesse os sucessivos episódios da pugna.

SALAZAR CARREIRA.



O Dia da Natação, organizado por «Os Sports» na piscina de Algés com a presença de mais de mil nadadores constituiu a mais animada festa da época e afirmou os progressos deste útil desporto em Lisboa

Festas de Caridade

No CASINO ESTORIL

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde do dia 6 de Outubro último, no Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma festa de caridade, que constou de «chá mal-jong» no «hall» e de «chá dansante» no salão do restaurante; levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Adalina Machado Fernandes Santos, D. Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, Condessa de Castro, D. Lívia de Arriaga e Cunha de Melo Breynner, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Madalena de Castro Pereira, D. Marta Emauz Leite Ribeiro, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Rita de Sommer Pereira, D. Sofia Ferrári de Vasconcelos Abreu, D. Stela Belmarço da Costa Santos, e D. Tereza Vecchi Pinto Coelho, cujo produto se destinava a favor da Assistência aos Pobres Docentes da Freguesia de Santos-o-Velho.

Na assistência elegante a esta festa recordamos ter visto entre outras as seguintes senhoras:

Condessa de Castro, condessa de Carnide, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Lívia Arriaga e Cunha de Melo Breynner, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Sofia Ferrári de Vasconcelos Abreu, D. Júlia Camacho Santos, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Teresa de Melo e Castro de Vilhena, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e filha, D. Estefânia de Macedo Dias Macieira, D. Maria do Pilar Fernandes Velasco de Oliveira, D. Rita de Sommer Pereira, D. Isaura Roquete, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Estela Belmarço da Costa Santos, D. Gardina Andressen Leitão, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Clarisse Marques da Costa Pinto Bastos, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Adalina Machado Fernandes Santos, D. Amélia de Guimarães Maia, D. Adelaide Tenudo de Sommer, D. Maria Luísa Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Palmira Lucas Tóres, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Madalena de Castro Pereira, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Gabriela Machado Pinto Basto, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Júlia Abecassis Seruya, D. Clara Abudharham Buzaglo e filha, D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Maria Antónia de Portugal, D. Emilia Alves Arrobas, D. Madalena Lopes de Brion, D. Maria da Gama de Castro Pereira, D. Maria de Castro Pereira Ulrich, D. Maria Bernardina Salema Manuel de Queiroz, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Eugénia Maria Perestrelo de Vasconcelos de Mozer, D. Maria Amélia Lucas Tóres de Farinha e filha, D. Maria Luísa Gomes Salazar de Sousa, D. Tereza de Burnay Lencastre, D. Maria Carlota de Sommer Pereira Salgado, D. Maria Amélia Pinto Basto Luppi, D. Maria de Sousa Pires, D. Maria Matilde Matoso dos Santos, D. Maria da Gama de Castro Pereira, D. Maria Antónia de Sousa Pires Rebelo, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco etc.

Noite de Elegância

Sobre a festa «Noite de Elegância» que se realizou no salão do restaurante do Casino Estoril, na noite de 7 de Outubro último, levada a efeito pelos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Vasconcelos e Sá e Mota Marques, transcrevemos, com a devida vénia, da secção «Notas Mundanas» do jornal «A Voz» a seguinte:

Sobre a festa «Noite de Elegância» que se realizou no salão do restaurante do Casino Estoril, na quinta-feira passada, levada a efeito pelos cronistas mundanos Vasconcelos e Sá e Mota Marques, foi, segundo creio, o fecho da temporada de verão, na Costa do Sol, vou dizer algumas palavras, para que se não diga, que a festa passou sem a devida referência nos jornais, visto que os seus organizadores, não se terem agora feito qualquer referência, a essa festa de arte e elegância, na qual os festejados, tiveram ocasião de pôr em destaque o seu fino gosto artístico, elaborando um programa verdadeiramente sensacional, fora dos moldes das festas que se realizam este ano no Estoril, organizadas pelos diversos «animadores».

No programa da festa «Noite de Elegância» figuravam a insigne artista, glória do teatro português, D. Palmira Bastos, que recitou várias poesias dos mais cotados e inspirados escritores, de uma forma impecável e cantou algumas tonadilhas, como só ela o sabe fazer, que lhe grangearam ao terminar frenéticos aplausos, e o notável quarteto vocal da Emissora Nacional: composto dos tenores Guilherme Kjølner, e Fernando Pereira, barítono Paulo Amorim e baixo Mota Pereira, que se fizeram ouvir em alguns números do seu vasto repertório, com uma correcção e afinação impecável, a quem o auditorio não regateou aplausos.

Os organizadores desta festa devem estar plenamente satisfeitos, com os resultados artístico e mundano, não podendo dizer o mesmo talvez, sobre o financeiro, visto a sala não estar completamente cheia, como era de esperar, pois

aos dois rapazes, devem decerto as senhoras da nossa primeira sociedade, que costumam levar a efeito festas de caridade, todo o reclamo, que sem o seu apoio, nas secções mundanas dos vários jornais, não obteriam o brilho que alcançam.

Ainda na véspera da sua festa, houve no Casino Estoril, uma festa de caridade, para a qual os festejados, concorreram com o seu reclamo, e na noite seguinte, essas mesmas senhoras, não se deram ao trabalho de ali irem abrilhantar essa festa, concorrendo assim, para que esses rapazes, tivessem a casa cheia. Sinal dos tempos, que vão correndo. Tenham pois paciência, meus amigos e não se arrependam de organizar festas, como a que me estou referindo, por que não de

ter um dia, a compensação dos seus esforços. Estou certo disso.

Antes de terminar estas linhas peço meus bons amigos que me desculpem este desabaço que, podem crer, é sincero, pois nada pretendo de vocês. «Eduardo».

Casamentos

Em Cuba, celebrou-se na capela particular da Quinta da Esperança, pertencente aos srs. Condes da Esperança, o casamento de sua gentil filha D. Maria Inés, com o sr. Estevão Graça Van-Zeller, filho da sr.^a D. Maria Luíza Graça Van-Zeller e do sr. Jorge Van-Zeller, já falecido, servindo de madrinhas a mãe e avó paterna da noiva, sr.^a Condessa da Esperança (D. Maria), e de padrinhos os srs. Jorge Graça e Eduardo Graça Van-Zeller, respectivamente tio materno e irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido no esplêndido parque da Quinta da Esperança, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Lisboa, donde seguiram para o estrangeiro, passar a lua de mel.

— Na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, celebrou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Julieta da Silva Corrêa Lopes, gentil filha da sr.^a D. Maria da Glória da Silva Corrêa Lopes e do sr. Dionísio Corrêa Lopes, com o nosso querido amigo sr. Fernando Manuel de Almeida da Mota Marques, filho mais velho da sr.^a D. Maria de Almeida da Mota Marques e do nosso presado colega na imprensa sr. Carlos Alberto Pimentel da Mota Marques, tendo servido de madrinhas a sr.^a D. Laura da Silva Fernandez e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Domingos António Fernandez Vasquez, e o pai do noivo, presidindo ao acto o reverendo coadjutor da freguesia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, à rua dos Ferreiros, à Estrela, um finíssimo almoço, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o norte onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na Basílica da Estrêla, o casamento da sr.^a D. Maria Júlia Pereira do Carmo de Sousa, interessante filha da sr.^a D. Sofia da Conceição Fernandes de Sousa e do sr. José Joaquim Hilário de Sousa, com o sr. Manuel da Luz Afonso, filho da sr.^a D. Joaquina da Luz Afonso e do sr. Manuel Francisco Afonso, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Maria da Conceição de Sousa, avó da noiva e D. Conceição Soares, e de padrinhos o pai da noiva e sr. Joaquim José Soares, presidindo ao acto o prior da freguesia da Lapa, monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia da Encarnação, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Alice Elvira de Almeida Maia, interessante filha da sr.^a D. Alice dos Santos Vieira Martins, e do sr. José de Almeida Maia, já falecido, com o distinto aluno do terceiro ano de medicina sr. Armindo Domingos Ribeiro, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Ester Cardoso e D. Maria Adelaide Carmona Gonçalves e de padrinhos os srs. António Martins, padroado da noiva e Luís Gonçalves.

Terminada a cerimónia, que revestiu um carácter de muita intimidade, foi servido na ele-

gante residência da mãe e do padrasto da noiva, um finíssimo lanche partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.^a D. Maria Manuela de Vasconcelos e Sá, foi pedida em casamento para seu filho Henrique Manuel, a sr.^a D. Maria Helena Pereira Catarino, gentil filha da sr.^a D. Lucília Eugénia Pereira Catarino e do sr. Henrique Monton Catarino, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Celebrou-se na paróquia de Santo António do Estoril, presidido pelo reverendo monsenhor

Moita, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Margarida Maria Vieira de Pinho, interessante filha da sr.^a D. Carolina Amélia Vieira de Pinho e do sr. dr. Bernardo Ferreira Gomes de Pinho com o dr. José Paulo de Aguiar, filho da sr.^a D. Maria da Glória de Carvalho de Aguiar e do sr. José Paulo Alves de Aguiar, já falecidos, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Amália Saraiva de Aguiar, tia do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Carlos Filipe Saraiva de Aguiar. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Ema Regina Ferreira, com o sr. dr. João Maria Paradel de Oliveira, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Aurora Josefina Mourão Rodrigues, tia da noiva e D. Maria Fernanda Paradel de Oliveira, irmã do noivo e de padrinhos os srs. Atílio José Mourão, tio da noiva e dr. José Paradel de Oliveira, irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Clotilde Cardoso Deschamps, interessante filha da sr.^a D. Albertina Cardoso Deschamps, e do sr. Jean Georges Valentim Deschamps, com o sr. Francisco Xavier Antunes, filho da sr.^a D. Deolinda de Xavier Antunes e do sr. João Antunes, já falecido, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Conceição de Sameiro Gomes de Azevedo Antunes e de padrinhos os srs. Roger Eliacin Alvaro Cardoso Deschamps.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na capela dos Navegantes, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Vitorina Marcela Dahl Burnay, gentil filha da sr.^a D. Helena Dahl Burnay e do nosso querido amigo sr. Manuel Ortigão Burnay, com o tenente aviador naval sr. Henrique Owen Pinto de Barros da Costa Pereira Pessoa, filho da sr.^a D. Sílvia Maria Owen Pinto Pessoa e do sr. Francisco da Costa Pessoa, já falecido, servindo de madrinhas a avó paterna da noiva, sr.^a D. Maria Feliciano Ortigão Burnay e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Luís Ortigão Burnay, tio paterno da noiva e José da Costa Pessoa, irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Alfredo Alberto Gomes, amigo íntimo da família, assistido pelo prior da freguesia da Lapa, reverendo monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da avó paterna do noivo, à rua do Prior, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Nascimentos

Na Maternidade Alfredo Costa deu à luz em 25 do mês findo uma menina, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonor Toscano, esposa do ilustre magistrado dr. Alberto Toscano e filha do nosso amigo e colaborador dr. Samuel Maia. Mãe e filha encontram-se de excelente saúde.

D. NUNO.

VINHOS DE PORTUGAL



Vindimas — Alto Douro

A Junta Nacional do Vinho

A Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal foi criada num momento em que fortemente se faziam sentir os perniciosos efeitos de uma grave crise de super-produção, para desempenhar o papel de principal instrumento executor das providências necessárias a disciplinar o mais importante ramo da produção nacional. Aos anos de excessiva colheita correspondiam fatalmente exageradas concorrências que os tornavam de pequeno rendimento, em contraposição aos escassos provocando elevados preços que desorganizavam o comércio, sem vantagem para os consumidores e com graves complicações para a exportação.

Como num período largo de tempo é possível avaliar-se a média da produção, adaptando-a às necessidades do consumo, reconheceu-se a conveniência de se criar um organismo que intervindo directamente no mercado conseguisse a sua estabilização.

Foi este um dos mais importantes objectivos que orientaram o novo organismo e de que ele se desempenhou com o maior acerto por isso que conseguiu aliviar o mercado de grandes volumes de ofertas, o que se constatava pelo facto de ter retirado, até o fim do ano de 1935, nada menos de 345.000 pipas.

Foi esta Federação recentemente substituída pela Junta Nacional do Vinho, com mais latas atribuições que a experiência aconselhou, continuando a orientar e a fiscalizar a produção e o consumo de mostos, vinhos e seus derivados e toda a actividade dos grêmios concelhios, aperfeiçoar os métodos do fabrico e produção dos vinhos, indicando as modificações aconselháveis, promover a criação de adegas corporativas, criar e conservar tipos definidos e marcas de vinhos de exportação, mantendo desta forma uma íntima ligação entre o Estado e a viticultura.

Segundo as estatísticas oficiais no período decorrido de Janeiro a Agosto do corrente ano exportaram-se vinhos comuns tintos e brancos, regionais e licorosos no valor total de Esc. 36.434.551, o que realmente pesa, e bastante, na nossa balança comercial.

Vai-se assim desanuviando a atmosfera pesada que envolvia a nossa produção vinícola. São já bem notórios os benefícios proporcionados pelas medidas tomadas, radicando-se a esperança em melhores dias. Isto se verificou na 2.ª festa vindimária do Cacho Dourado, recentemente realizada em Lisboa, brilhante iniciativa do Centro de Estudos da Vinha e da Uva, de colaboração com o Ministério da Agricultura e outras entidades oficiais, que tão justamente interessou as corporações vinícolas, a população da capital e sobretudo os homens e as mulheres das vinhas de Portugal, que vieram, cantando e bailando, mostrar a sua grande satisfação.

Estas festas cujo início só seria possível no ambiente actual não-de-repetir-se, e estamos certos, cada vez com mais alegria e maior entusiasmo.

O Vinho do Porto

Na Viticultura Nacional ocupa, de direito próprio, o primeiro lugar, o Vinho do Porto cuja expansão através do mundo inteiro lhe proporcionou a primeira rúbrica na exportação portuguesa.

Datam do tempo do Marquês de Pombal as primeiras medidas para a sua defesa e desde então para cá variadíssimos foram os diplomas promulgados nesse sentido o que não evitou, porém, repetidas e algumas gravíssimas crises que por vezes o levaram à beira de total ruína.

O Vinho do Porto representa incontestavelmente um dos mais fortes estímulos da nossa Economia. Tanto na sua produção e preparação como no respectivo comércio estão empregados avultadíssimos capitais, extensíssimas áreas de terreno, custosas instalações e são muitas as dezenas de milhares de pessoas auferindo d'ele os meios indispensáveis à sua subsistência.

Estas circunstâncias, do mais alto interesse para o País, levaram o Estado Novo a enfrentar o problema procurando resolvê-lo de uma forma decisiva. Para esse efeito criou a Casa do Douro, federação obrigatória dos lavradores, disciplinando assim a produção e pondo-os ao abrigo de várias contingências que muito os prejudicavam, e o Grémio dos Exportadores, associação também obrigatória das entidades exportadoras, com o objectivo de regular o respectivo comércio, e para manter o justo equilíbrio entre os legítimos interesses de ambas as partes foi criado o Instituto do Vinho do Porto, cujas funções de grande responsabilidade completam o actual e profícuo sistema defensivo e protector do Vinho do Porto.

Mercê da sua acção fiscalizadora o vinho exportado, que só o pôde ser com os certificados de origem por ele passados, é legítimo Vinho do

Porto, na inteira posse de todas as suas características qualidades que o tornaram apreciado em toda a parte e por todos considerado o primeiro vinho do mundo inteiro. Ainda por sua intervenção se regularam os seus preços nos vários mercados, pondo termo à desialidade de algumas entidades comerciais que antepunham os seus irregulares interesses ao legítimo interesse geral.

Pela sua valiosa colaboração tem contribuído poderosamente para a repressão da falsificação e imitação dos vinhos do Porto em vários mercados consumidores. Na sua acção de propaganda, que tem sido inteligentemente orientada, destacou-se recentemente a sua representação na Exposição Internacional de Paris onde o característico barco rabelo tem alcançado um vulgar êxito que a nossa Imprensa e a francesa tem posto em destacado relevo.

A exportação do Vinho do Porto, a despeito de todas as entraves que hoje perturbam grandemente os mercados internacionais, mantém a sua privilegiada posição. Referem as estatísticas oficiais que de Janeiro a Agosto do ano corrente o seu valor atingiu a elevada cifra de Esc. 110.847.145, figurando em primeiro lugar, como sempre, a Inglaterra com 11.583.390 litros, a que se segue, destacando apenas os mais importantes, a França com 7.466.303, a Noruega com 1.976.143, a Bélgica com 1.087.245 e a Alemanha com 1.081.828.

Estas cifras revelam insofismavelmente a acentuada preferência dos melhores mercados mundiais pelo nosso Vinho do Porto, justa consagração das suas inimitáveis e inexcedíveis qualidades.

Os Vinhos Verdes

UMA extensa área do Noroeste do País, produz um vinho sui generis, com tão inconfundíveis características que não se encontra, seja onde for, nenhum outro que se assemelhe.

Queremos referir-nos ao vinho verde, um dos mais justamente apreciados tanto entre nós como lá fóra. A cultura da vinha e preparação dos característicos vinhos fazem-se exclusivamente na região oficialmente demarcada que abrange 1238 freguesias distribuídas por 45 concelhos localizados em seis distritos.

A sua excepcional leveza, frescura, o picão e agulha peculiares, fazem deste vinho um produto de eleição, tanto mais para apreciar quanto é certo que a sua baixa graduação alcoólica permite tomá-lo, em quantidade apreciável, sem os riscos de embriaguez.

A produção anual anda à volta de 96 milhões de litros, aproximadamente 190.000 pipas, consumindo-se dentro do País mais de 38.000. Cabem à região demarcada 60 milhões de litros, 3.850.000 ao Porto, 617.000 a Lisboa e exportando-se cerca de dois milhões.

Esta exportação iniciou-se no século XVI pela Foz do Rio Minho e tem



Vindimas — Alto Minho

vindo progredindo de ano para ano até alcançar esta quantidade, já importante mas ainda susceptível de aumento.

Também nos vinhos verdes se fez sentir a interferência do Estado quando este se propôs organizar e disciplinar a produção e o comércio dos vinhos regionais portugueses, criando para esse efeito a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, com sede no Porto, a cuja acção devem estes a posição de destaque hoje usufruída. As medidas de protecção tomadas, mormente as referentes ao seu desleal concorrente, o vinho americano, e a intransigente fiscalização da produção e comércio respectivos, tornando quasi impossíveis as falsificações e outros abusos, garantem aos vinhos verdes o lugar que legitimamente lhe pertencem na viticultura nacional.

E se em tão curto lapso de tempo se podem constatar os benefícios recebidos é de prever que eles se acentuem alcançando mais e melhor. Vai nisso o interesse de muitas dezenas de milhares de trabalhadores rurais, pequenos lavradores e operários que d'ele auferem os meios de subsistência e ainda o comércio que o serve, não sendo exagerado o cálculo de perto de cem mil contos anuais que estes vinhos movimentam, representando assim um valor a considerar na Economia Nacional.

COM o repique alegre dos sinos no dia 1 e com o dobro triste e sonoro, que se espalha pelas aldeias de Portugal, com os cemitérios cobertos de flores, começa o mês de Novembro, na saudável comemoração daqueles que deixaram o mundo e nunca serão esquecidos, por aqueles que os amaram e que por eles foram amados.

Pela vida fora, quem é que não tem perdido alguém muito querido? E se sempre lembramos os que perdemos e nunca os podemos esquecer, nestes dias em que a Igreja ou o túmulo, os memoriais, mais viva se torna a saudade, e, em safrados ou visitas aos cemitérios, mais vivamente lembramos, os que já não existem, e, que na nossa vida deixaram uma saudade, que não morre como eles morreram.

Mas estes dias sempre tristes pela saudade que avião, são também os primeiros dias dum mês, que é triste. É o princípio do inverno. São os dias pequenos, húmidos, cinzentos, são as noites compridas, geladas, que se aproximam.

Nas cidades a vida torna-se mais intensa, mais impetuosa. O homem substitui o sol pela electricidade, os aninços luminosos nas suas cores vibrantes, querem alegrar os ânimos, as casas de chá regozijam de gente, os automóveis em extensas filas, lembram animais estranhos, sopçados pela lava branca do políptico almaléu, ou pelas lizes verdes e encarnadas, que regulam o trânsito.

As mulheres elegantes estream as suas «toilettes» de inverno, e saíam dos automóveis envoltas em finas peles, mostrando o delicado rosto emoldurado por caracóis, mais ou menos dobrados, entre uma raposa de contos de reis, e um delicioso chapéu de modaista mais elegante, um rasto de perfume fica à sua passagem.

O inverno é um pretexto para festas, «toilettes» o conforto da casa requeimadamente cuidada, o chá entre as amigas ou uma casa de chá em soaga, onde se toma a deliciosa bebida feita por chavesas de porcelana fina, e, onde se trincam bolos e rapuções, em pérfidas conversas; à noite o teatro, o concerto, o cinema ou um baile.

Mas há em tudo o reverso e é preciso, absolutamente preciso, que aqueles, que só nem no inverno uma época do ano em que mais divertimentos e distrações podem ter, nas grandes cidades, se lembrem que há gente para quem a aproximação do inverno é a tortura da fome e do frio, os sapatos rotos e encharcados sem haver outros para mudar, o lar sem lume, a arca sem pão. São noites inteiras de frio gelado que entra pelas frestas de desmantelada barraca, ou mesmo passadas sobre lajes húmidas ou um branco que a geada encharca.

Ao lado dos bairros ricos daqueles onde o inverno é considerado uma época de divertimentos, há os bairros da miséria e da fome.

No bairro das latas há duas mil crianças, que vivem em miseráveis barracas, que não

comem o que têm na vontade, que passam os dias dos dias de inverno enregeladas, rovas de frio.

É enquanto nas casas de chá, se gastam dezenas de escudos num chá, para que não há apetite, crianças na rua olham as montanhas cheias de apetitosos doces, que elas se contentam de lambêr através do vidro, como já vi.

Qual é o coração de mulher que se não dói ao ver uma desgraça, ao pensar que há crianças que têm frio, que têm fome?

E não será uma enorme espedaçação de lavar de comprar uma galaxeína e comprar não para uma criança, não fazer um vestido, que vai perfazer um exagerado número no guarda-vestidos, e, comprar lá e fazer nos longos sérios de inverno, abafos que abriguem do frio as crianças, que tremem nas duras noites tempestuosas, geladas e frias, que as urtam à tuberculose, não será justo que assim seja?

Todos temos de repartir com os nossos irmãos que nada têm, segundo as nossas posses, e, para tantos essa repartição não representaria mais do que o sacrificio de supérfluos, que nenhuma falta fazem.

E se a compaixão não basta para mover os corações empedernidos pelo egoísmo e pelo excesso bem estar, que o medo da revolta das que nada têm as chame à realidade das coisas. Dias mil crianças na miséria sem ter nada, vivendo ao lado duma civilização esbanjadora de luxo bem estar, vendo crianças como elas, a quem nada falta, são duas mil



PÁGINAS FEMININAS



realiza nestes dois dias vos abra a alma à caridade, e que como se diz nas nossas aldeias do norte: «Seja pelas almas!»

MARIA DE ECA.

A moda

A mulher elegante que dispõe de dinheiro para se vestir, não espera para fazer as suas «toilettes» que a moda se fixe e todas as estações adopta a primeira moda que aparece. Está bem que o facto de a sua fortuna lho permite e disso não resulta um desequilíbrio no orçamento do lar.

É até necessário que os ricos dispensem para dar que fazer aos que precisam trabalhar, e para fomentar o desenvolvimento do comércio e industria.

Mas as senhoras que não têm fortuna e gostam de andar bem vestidas, podem fazê-lo sem sobrecarregar o seu orçamento de despezas. É natural que gostem em todas as estações de se apresentar com «toilettes» elegantes.

O que devem fazer é não se precipitar na primeira moda que aparece, que não será sem dúvida a que fará, e fazendo uns arranjos e uns aproveitamentos, poderão apresentar-se com elegância e apuramento «chic», sem sacrificios monetários, que porventura possam trazer ao lar discórdias e apoquentações, que tirem o gozo e o prazer, que a «toilette» dá, e que em vez de dar a satisfação natural em todos os maridos de

duas cores, remata-a no pescoço. É uma «toilette» simples para o almoço, porém graciosa, e é preciso que a mulher em casa se apresente com graça e elegância e não guarde só para a rua os seus apuros, de «toilette».

Como chapim temos um gracioso modelo em feltro «beige» com borda em veludo castanho e em volta da aba uma tira no mesmo veludo. A sua forma de «canotier breton» é das mais graciosas e torna juvenil o aspecto de quem o usa.

Para a noite, um elegantíssimo vestido em «lamé» de ouro dum irrepreensível corte da máxima simplicidade, um gracioso casquinho do mesmo tecido com umas mangas elegantíssimas, completa o surpreendente efeito desta «toilette» que dá o tom do luxo simples. Os brinços compridos marcam a última novidade para a noite.

É preciso lembrar às leitoras, que estes brinços só têm elegância usados à noite. De dia dão o aspecto novo rico que não tem elegância. Com os vestidos de rua umas pérolas ou brinços junto à orelha é o que o bom tom aconselha. Entre os brinços compridos ou não usar nenhum é preferível não usar brinços.

Flores

ESTAMOS na época dos crisântemos, essas desgrenhadas flores, que algumas lembram cabeças de crianças despenteadas. Dum exotismo



oriental esta flor veio preencher na Europa uma lacuna. No outono poucas flores havia e o Oriente enviou-nos o melhor presente: o crisântemo.

Nesta época de transição de verão para o inverno, sempre um pouco triste, os crisântemos com as suas lindas cores alegram as montanhas das florestas, enfeitam as jarras dos salões, adornam os altares dos templos e, dão a nota da cor no cinzento sombrio dos dias outonivos.

É nesta época, no dia de finados, esse dia em que o mundo cristão comemora aqueles que deixaram este mundo, e que saudades profundas e arreigadas deixaram no coração dos que ficaram, são ainda eles que enfeitam as campas e os jazigos dos cemitérios das grandes cidades, assim como os das aldeias. E por toda a parte onde há sepulturas no dia 3 de Novembro é florescem, como um preito de saúde, que mão saudosa trazem e colocam numa derradeira homenagem.

É no entanto não é triste o crisântemo. Ele evoca na sua floração soberba o Japão esse encan-

tador país do Extremo Oriente, país de requintada civilização e ao ver um admirável crisântemo, pensamos sempre como é de tocaria bem os negros e lustrados cabelos duma «mumê» filha do «Dai Nippon».

Noções sobre o lar

É interessante como em certas épocas da vida tudo se conjuga para o mesmo fim. Num momento em que assiduamente estudo a forma mais prática de levar à mulher do povo, umas certas noções do que é a vida e do que ela deve ser, da melhor maneira de com os seus pequeninos recursos tornar a vida melhor, sabendo com economia aproveitar tudo e de com assieço e limpeza tornar a vida um pouco menos dura, áqueles que não têm neste mundo o conforto necessário, encontrei um interessante livro que deve interessar às nossas leitoras.

Esse livro é duma italiana a «Signorina» de Benedetti e chama-se «O nosso nido». O nosso nido». No género é um dos livros mais completos sobre o assunto, pois abrange a mulher desde os seus primeiros passos na vida. Interessou-me o livro porque nem só a mulher do povo carece de conselhos, na maneira de viver. Em todas as classes há quem deles precise, o que falta é quem os saiba dar e a «Signorina» de Benedetti sabe fazê-lo duma forma clara e concisa que acha sobremaneira interessante.

Desde a escolha dos móveis, fazendo notar que se não deve procurar o mobiliário, que dê na vista, mas sim aquiete que é sólido e de boa madeira; que possar ser o fundamento dum lar e não apenas o cenário dum quarto de hotel para poucos dias de demora.

Este um tema muito para estudar pelas jovens que decoram e mobilam o seu futuro nido, dar-lhe esse aspecto de estabilidade, que ultimamente desapareceu das casas de alguns noivos, que lembram apenas cenário de teatro.

Em seguida occupa-se da economia doméstica assunto que nunca é demasiadamente estudado pelas senhoras, pois da boa administração vem a harmonia do casal e o bem estar da família.

A casinha, a contabilidade, as crianças a maneira de as ensinar, de as criar e mais tarde de as educar, tudo isso é um estudo que a «Signorina» de Benedetti fez e que todas as mulheres deviam fazer.

A educação actual tem a preocupação de dar instrução à mulher para ser independente. Está bem que assim seja mas é preciso que a par dessa instrução a mulher tenha o conhecimento dos seus deveres no lar, para que possa haver harmonia na colectividade e a mulher seja a colaboradora do homem na vida comum e não a sua competidora e rival na luta pelo emprego. É interessante ver o critério de uma mulher italiana, através do livro «Signorina» de Benedetti.



almas revoltadas que crescem no ódio e no rancor, que envenenadas pelas faltas físicas e sem apoio moral, serão amanhã as maiores inimigas das crianças, que crias com o máximo cuidado e mimoso conchego.

E o seu ódio será natural e as suas consequências terríveis, como no-lo demonstra tragicamente o pobre Espanha matir.

Habitual os vossos filhos o protegerem os pobres, a amarem as crianças que nada têm, a repartir com eles as migalhas que caem da sua lãndez. Que a fraternidade não seja uma palavra vã, basta que cada família que possa, proteja e auxilie uma família pobre, e, o humanitário seria melhor, acabaria o egoísmo dum lado, e o ódio do outro.

É tão bom fazer o bem, e mais feliz quem dá, do que quem recebe, a alegria de dar é infinita.

Que a proximidade do inverno vos torne presente ao sofrimento dos que nada têm e que a comemoração de aqueles que nos foram queridos e que já não existem, comemoração que se

PIMIDE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 5

Copas — V.

Ouros — A. V.

Paus — A. 10, 3

Espadas — 8, 6

Copas — V.

Ouros — 10, 9, 7

Paus — 6

N Espadas — D. 10

O Copas — D.

E Ouros — D. 8

S Paus — D. V.

Espadas — R. V.

Copas — 6, 5

Ouros — 6

Paus — 8, 2

Trunfo espadas. S joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

O joga 10 c., **N** — R. c., **E** — 3 c., **S** — D. c.

N joga V. de espadas, que faz e joga depois A. o., baldando-se **S** a A. c.

N joga 6 c., **E** — V. c., **S** — 2 c., **O** — 6 o.

S joga 7 c., **O** — 7 o., **N** — A. c., **E** — 3 c.

N joga 9 c., 8 c. e 7 c., dando 3 balds de paus a **S**.

N joga 2 o., que **S** corta com 9 c.

S joga R. c., **O** — 10 o., **N** — 5 c., **E** — D. c.

S joga 10 c. e quer **O** se balde a ouros ou a paus, **N** faz as outras duas vasas.

O bom senso das formigas

De uma conferência feita há anos, em Lund, por Budde, conhecido professor e naturalista, sobre os costumes das formigas, extratámos estes períodos:

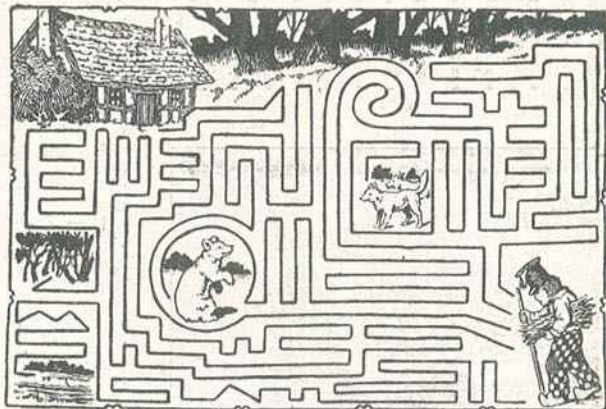
«As principais condições para a realização de uma aliança entre colónias de formigas hostis, são: que as duas contrárias sejam de castas aparentadas, que sejam próximamente de igual força, e por último que se vejam obrigadas a viver juntas, sem se poderem apartar. Em tais circunstâncias passa-se rapidamente das primeiras escaramuças a uma tolerância indiferente e recíproca e da tolerância a um trato amigável: explica-se isto porque em tais casos a prudência vence o desejo de pelear. Pelo contacto com as antenas reconhecem-se como estrangeiras e intentam separar-se; mas como isto não é possível vai ganhando preponderância no seu ânimo a convicção das semelhanças à custa da convicção das diferenças. Em resultado da convivência, ao princípio forçada, vai-se formando um cheiro de ninho comum, que as une como membros de uma colónia; então, reconhecem-se já como companheiras».

Uma cigana húngara, de 40 anos, é mãe de 30 filhos. Teve o primeiro aos dez anos; e por seis vezes teve gémeos.

Os crisântemos

Quando as outras plantas de ornamentação estão, na sua maior parte, privadas dos seus atractivos, o crisântemo conserva-se desabrochado até ao fim de Dezembro; eis a razão por que essa flor conquistou e muito justamente, o título de «Rainha das flores do outono».

A China é que é, na realidade, o verdadeiro berço do crisântemo, e os primeiros espécimens desta planta foram levados para Marselha, em 1789, pelo capitão Blancard. Eram, então, umas flores, de folha apenas dupla, uniformemente brancas, amarelas ou vermelhas e que por muito tempo se continuaram cultivando sem nenhuma modificação. As admiráveis flores, hoje tanto em voga, são procedentes das sete variedades que Roberto Fortemy trouxe do Japão em 1862. E foi cruzando essas variedades, tornando-as híbridas, que os horticultores europeus criaram as dez mil qualidades, aproximadamente, de crisântemos actualmente conhecidos. Devemos lembrar que o crisântemo japonês ou *flor de ouro* é o emblema nacional do Império do Sol-Nascente.



Qual é o caminho mais perto e menos acidentado que o lenhador há de tomar para regressar a casa, sem correr o perigo de encontrar os lobos ou o urso, nem cair ao rio ou ter de atravessar o pinhal?

Os animais que passam a sua existência na obscuridade das cavernas ficam cegos. Os órgãos visuais dos peixes atrofiam-se por falta de função, e acabam por desaparecer. O estudo feito por naturalistas eminentes nas cavernas e rios de corrente subterrânea têm revelado a existência de 15 espécies, sendo 9 colhidas na América do Norte, 3 na América do Sul e 3 em África. Na Europa e na Ásia, na Austrália e no Norte de África, onde há muitos furos artesianos e bastantes correntes de água subterrânea, ainda se não encontrou nenhum peixe cego.

Correio aéreo

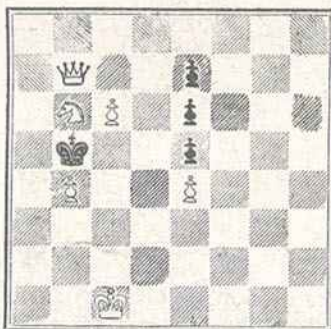
Foi a República de Colombia o primeiro país, no mundo inteiro, que organizou serviços regulares de correio aéreo (Baranquilla-Port-Colombia, em 18 de Junho de 1919). A importância destes últimos é hoje muito grande e pode servir de modelo a muitos outros. Aquel Estado, do qual várias cidades, muito afastadas umas das outras, ficam situadas a grandes altitudes — principalmente a capital Santa-Fé de Bogotá — possui linhas perfeitamente organizadas e que ligam Baranquilla, Santa Marta e outros centros bastante numerosos que mantem entre si abundantes correspondências postais.

Xadrez

(Problema por E. Palkoska)

Branças 6

Pretas 4



Mate em três lances.

Erros estapafúrdios

(Solução)

1. — A espiral do caracol tem a curva para o lado contrário e as folhas nunca nascem directamente dos troncos; têm pequeninas hastes.
2. — As galinhas não nadam.
3. — O pássaro tem pés de pato.
4. — O sol e a lua nunca se vêm brilhando no céu ao mesmo tempo, e a sombra está do lado contrário da rocha.
5. — O coelho tem uma cauda, que lhe não pertence, é claro.

Existe, em Inglaterra, um homem de 33 anos, de nome Benjamin Sexton e empregado numa fábrica de cerveja que adquiriu nome na história da medicina. Todo o seu corpo está «virado de baixo para cima». Não só tem o coração do lado contrário como todos os mais órgãos fora dos seus lugares. E, no entanto, goza perfeita saúde.



Ela: — Que tal achas o meu chapéu novo, visto por traz?

(Do The Happy Magazine.)

Tão contentes... risonhos...



encantados da vida...

O cozinheiro que, dispondo de um frigorífico eléctrico, tem sempre frescos e são os alimentos que cozinha com o maior aceso e rapidez num esplêndido fogão a gaz. . .

A criada porque prepara fácil e prontamente os banhos dos patrões utilizando um esquentador a gaz, engoma as peças finas das roupas da senhora com um ferro eléctrico, o seu chá e as torradas e ainda o café para todos com a chaleira, torradeira e cafeteira a electricidade . . .

O criado também se serve para a limpeza dos móveis, tapetes e carpetes de um aspirador eléctrico. . . Ms se os servos estão contentes o patrão ainda o está mais, visto que conseguiu um serviço completo e perfeito, rápido e seguro, por pouco dinheiro pois se aproveita da tarifa digressiva que as Companhias Reünidas Gaz e Electricidade lhe proporcionam

Vão ver os aparelhos e peçam informações sobre a taxa digressiva, se ainda não as tiveram, nos Salões de Exposição da Companhia, na **Rua da Boa Vista e Rua Primeiro de Dezembro**, (edifício do Avenida Palace) ou ainda na Sede: **Rua Vitor Cordon** — Telefone 20011.

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECCÃO P. B. FAMILIAR

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiam na fantasia e despartem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Dívida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance duma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino
- Batalhas do Amor
- Uma mulher ideal
- Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. crton do . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benollet e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

Deve pois facilitar-se
a aquisição dos bons livros

A LIVRARIA BERTRAND

vai continuar a vender as prestações das boas obras conforme já iniciou com a **HISTÓRIA UNIVERSAL**, de *G. Oncken*, para o que estabelecerá um sistema especial de vendas que denominará de

Crediário Cultural

Por êste sistema,—novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América,—contribui-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos segundo a importância da compra, sempre com a bonificação do sor-teio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.

Dentre outros autores figuram nesse catálogo as obras dos seguintes:

Alexandre Herculano, João de Deus, Conde de Sabugosa, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, Agostinho de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas, Júlio Deniz, Samuel Maia, Afonso Lopes Veira, Albino Forjaz de Sampaio, Sobral Cid, Eduardo Coelho, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Henrique Lopes de Mendonça, Camilo, Trindade Coelho, Rebelo da Silva, Malheiro Dias, João de Barros, Sousa Costa, João Chagas, António Feijó, Wenceslau de Moraes, Vitorino Nemésio, Teixeira de Pascoais, António Patrício, António Cabral, Manuel de Sousa Pinto, Asdrubal de Aguiar, Eduardo Noronha, Alberto de Oliveira, Raul Brandão, Paulo Barreto (João do Rio), Vitor Hugo, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Blasco Ibañez, Guido da Verona, Marjany, Marden, Zolá, Amicis, Mirbeau, Dantec, Benoit, Bourget, etc., etc.

Interessantes coleções como a da Biblioteca de Instrução Profissional, (mais de 50 volumes), **Antologia Portuguesa**, **Antologia Brasileira**, **Colecção Familiar P. B.** (romances morais próprios para meninas e senhoras), **Biblioteca de Filosofia Científica**, **Colecção de viagens maravilhosas** (80 volumes), **Dicionários do Povo** (para várias línguas), etc.

Monumentais edições como a da História da Literatura Portuguesa, 3 volumes, **Pupilas do Senhor Reitor**, edição de luxo com magníficas gravuras de *Roque Gameiro, Orlando Furioso, Tojos e Rosmaninhos*, etc., etc.

Entrega imediata das obras contra o pagamento da 1.ª prestação

Uma boa colecção de obras de grandes autores dá categoria a quem a possui.

Peçam informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr—Dr. Mendes «Gira»—Feira de Ano—Lúcia—Um sobretudo de respeito!—A paz do Lar—Uma espada... em bainhada!—O Barboza de Sejius—O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

À VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mosen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bartzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata. . . . 12\$00
Pelo correio à cobrança. . . 14\$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil,
primário, secundário, superior e técnico

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Livros de Medicina

Livros de Direito

LIVROS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,

Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis, primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais, e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros, são remetidos à cobrança para todos os pontos do País, e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Dicionários escolares

Redução de preços destes Dicionários
para auxiliar a população escolar

DICIONÁRIOS DO POVO na ortografia oficial, portateis,
economicos, completos, em volumes encadernados

Português — 860 págs.	12\$00
Francês-Português — 800 págs.	13\$50
Português-Francês — 818 págs.	13\$50
Inglês-Português — 920 págs.	13\$50
Português-Inglês — 644 págs.	13\$50
Latim-Português — 1.128 págs.	25\$00
Francês - Português e Português-Francês , num só volume	25\$00
Inglês-Português e Português-Inglês , num só volume	25\$00

Os melhores e mais baratos

Fazem-se remessas à cobrança

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA
para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um álbum e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas mais eminentes figuras da especialidade, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge, etc., etc.**

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10\$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br.	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	12\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{mo} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
RBI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

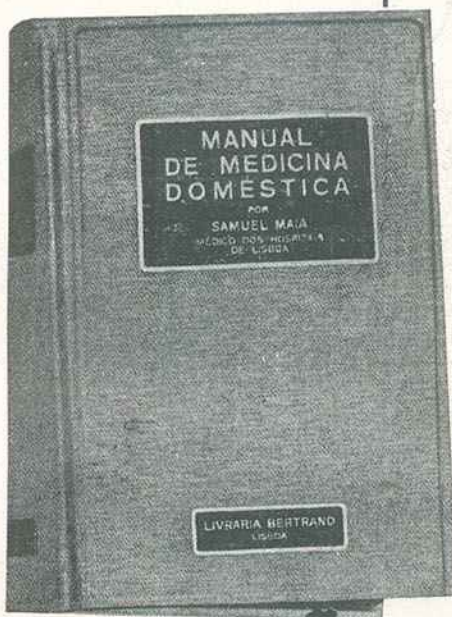
E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75





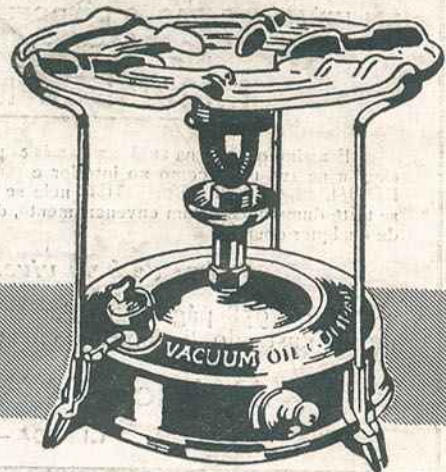
A BELA...

Chegada mesmo agora da província, com boas informações, eis a Bela, que, sem ser bela na verdadeira acepção do termo, é no entanto uma bela criada de cozinha.

Pois a Bela já declarou categoricamente que, de futuro, só servirá em casas onde haja o célebre Fogareiro Vacuum a petróleo, e argumenta:

— Que rapidez de Serviço!
É a única forma que tenho de dar as refeições sempre a horas.

FOGAREIROS VACUUM



V A C U U M O I L C O M P A N Y